



{SUPLE
MEN+O.

SÃO JOÃO
DEL-REI
CAPITAL DA CULTURA

SÃO JOÃO DEL-REI, CAPITAL BRASILEIRA DA CULTURA

São João del-Rei é, seguramente, uma das mais significativas cidades de Minas Gerais, por sua história, importância política e localização geográfica. O Arraial Novo do Rio das Mortes, que deu origem à cidade, foi fundado em inícios do século XVIII. O local já era ocupado desde, pelo menos, 1701, quando Tomé Portes del Rei se estabeleceu na região do Porto Real da Passagem.

Em 8 de dezembro de 1713 o Arraial foi elevado a Vila, com o nome de São João del-Rei, passando a ser a sede da recém-criada Comarca do Rio das Mortes.

São João del-Rei foi uma das cidades históricas visitadas nos anos 1920 pelos modernistas de São Paulo, que vieram a Minas numa viagem de redescoberta do nosso barroco. Isso levaria à revalorização do estilo e, mais tarde, à criação do órgão de proteção do patrimônio brasileiro. Expressivo acervo arquitetônico – igrejas e casario do século XVIII – e forte tradição musical são marcas de São João, atualmente um dinâmico centro cultural e econômico. Em 2007, essa cidade, que reúne passado e presente, foi escolhida pela Unesco para ser a “Capital Brasileira da Cultura”.

São João traz na sua essência contrastes e contradições, heranças do período barroco, que se entrelaçam, resultando na diversidade cultural que sempre foi, e continua a ser, a sua principal característica. Sagrado e profano convergem (e convivem) na vida social, nos costumes e nas manifestações artísticas, formando um amplo leque de possibilidades expressivas. Esta edição especial do Suplemento Literário presta uma justa homenagem a São João del-Rei, possibilitando aos leitores conhecer um pouco mais da história e da cultura dessa cidade que é uma importante referência para todos nós.

ELEONORA SANTA ROSA

Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais

CAPA: FOTOGRAFIA DE **EMMANUEL PINHEIRO**. Fotografia exibida na exposição *São João del-Rei, Capital Brasileira da Cultura 2007*, juntamente com fotos de Almir Nascimento, Antônio Celso Toko, Beni Jr, Cláudio Lopes, João Ramalho, Kátia Lombardi, Kiko Neto, Marcinho Lima, Nathanael Andrade, Photo 1000ton e Sebastião Machado Gomes (Jacó), na galeria do Teatro do Leblon, Rio de Janeiro, realizada pela Secretaria de Cultura e Turismo do município de São João del-Rei, de outubro a novembro de 2007.

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS **AÉCIO NEVES DA CUNHA**
SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA **ELEONORA SANTA ROSA** SECRETÁRIO
ADJUNTO **MARCELO BRAGA DE FREITAS** SUPERINTENDENTE DO SUPLEMENTO LITERÁRIO
MG **CAMILA DINIZ FERREIRA** ASSESSOR EDITORIAL **CLÁUDIO NUNES DE MORAIS**
+ PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** + CONSELHO EDITORIAL
ÂNGELA LAGO + **CARLOS BRANDÃO** + **EDUARDO DE JESUS** + **MELÂNIA SILVA DE**
AGUIAR + **RONALD POLITO** EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA** + **ELIZABETH**
NEVES + **IONE RINCO DE FÁRIA** + **WESLEY RODRIGUES** + ESTAGIÁRIAS **CLARA**
MASSOTE + **MIMA CARFER** + JORNALISTA RESPONSÁVEL **ANTÔNIA CRISTINA DE**
FILIPPO (REG. PROF. MTB 3590/MG). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE
DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/**FRANCISCO**
PEDALINO DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE TECNOLOGIA
GRÁFICA + **USINA DE LETRAS** + **LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE**.

**{ SUPLE
MEN+O.**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: 31 3213-1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

CBC 2007: O RESGATE DE UM PROJETO DE IDENTIDADE

Uma das mais antigas cidades de Minas Gerais, São João del-Rei celebra, neste ano, o título de Capital Brasileira da Cultura – CBC, projeto criado para promover e divulgar a diversidade cultural existente no Brasil. Há quase 90 anos, São João del-Rei já havia encantado Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e outros integrantes da vanguarda modernista, que visitaram, pintaram e descreveram a cidade apenas 2 anos depois da Semana de Arte de 1922.

O título é concedido pela ONG CBC e tem como apoiadores institucionais a Capital Americana de la Cultura, a Unesco, o Ministério da Cultura, o Ministério do Turismo e o canal de TV Discovery. Durante um ano, a cidade eleita passa a ser o centro das atenções nacionais e internacionais como referência da cultura brasileira. A iniciativa visa também avivar nossas raízes, resgatando os símbolos esquecidos, reafirmando a identidade cultural, valorizando e preservando o seu patrimônio material e imaterial.

Através do título de CBC, a cidade nomeada tem a oportunidade de divulgar a sua história e a sua programação cultural anual e receber, temporariamente, projetos e programas culturais de outras regiões do país e do exterior, além de atrair investimentos para programas sociais na

comunidade, dando oportunidade para que os cidadãos participem ativamente, elevando a auto-estima de todos. E, de fato, a comunidade são-joanense tem demonstrado apoio ao projeto, com esperança e envolvimento, realizando diversas manifestações nas ruas da cidade, como no monumental cortejo em que dezenas de grupos desfilaram na abertura da CBC 2007. Não faltou o apoio irrestrito do Governo Estadual, da Secretaria do Estado de Cultura e das instituições públicas e privadas mediante as leis de incentivo à cultura do Estado e do Governo Federal.

Ao longo do ano, entre o grande número de eventos que a cidade recebeu, alguns deixaram impressões inesquecíveis: as esculturas de Rodin, o vôo sonhador da Nau de Ícaros, a magia do Giramundo no Auto das Pastorinhas, a coreografia estonteante do balé do Grupo Corpo, o encontro de Adoniran e Shakespeare no canto das Graças, a literatura de Antonio Callado e o cinema de Humberto Mauro, o Festival Internacional de Flautistas, a estréia internacional da peça Valsa nº. 16, de Néelson Rodrigues, encenada pelo grupo teatral português Baal 17 e dirigida pelo filho do dramaturgo.

Além de motivar o interesse das comunidades local e regional, é também objetivo do projeto atrair visitantes oriundos de várias regiões do país e do exterior, ávidos por conhecer capítulos fundamentais da história mineira. A projeção da cidade na mídia, como referência da cultura nacional, se reflete no aumento do fluxo turístico e a conseqüente geração de renda para a população. Todas essas vantagens não se restringem somente ao período de um ano, pois as ações desenvolvidas vão resultar em benefícios que permanecerão no futuro, conferindo à cidade a condição de capital cultural permanente.

O primeiro passo para essa conquista aconteceu no I Encontro da Rede Internacional dos Municípios pela Cultura, no período de 28 de novembro a 2 de dezembro de 2007, no Teatro Municipal de São João del-Rei. Nessa reunião, representantes dos continentes europeu, africano e americano tiveram a oportunidade de trocar experiências e estreitar laços de intercâmbio cultural.

LUCIA HELENA BORTOLO DE REZENDE é Secretária de Cultura e Turismo de São João del-Rei, mestre em Artes pela ECA/USP.

ADENOR SIMÕES é vereador de São João del-Rei, idealizador e coordenador geral da CBC 2007.



O SAGRADO E O PROFANO

A sociedade mineradora dos primórdios da capitania, que ainda incluía S. Paulo e Minas, era, sem dúvida, gananciosa. O que a movia era a cobiça. Os sertões dos Cataguazes foram desbravados por Fernão Dias, e por outros bandeirantes antes dele, com o objetivo de encontrar pedras preciosas e, eventualmente, prata e ouro. Era a riqueza que buscavam, em princípio. Mas, no primeiro arraial que plantaram, não se esqueceram, todos os desbravadores, de erguer uma capela tosca, com cobertura de palha e encimada por uma cruz. O temor de Deus tinha a mesma força que sua ambição.

Quando as primeiras povoações ganharam a dimensão de vilas, graças à exuberância dos veios auríferos ou à descoberta dos diamantes no distrito diamantífero, a sociedade mineradora sofisticou-se: mascates e tropeiros abasteciam a população livre com as novidades da corte, roupas e utensílios. As irmandades passaram a cultivar rivalidades e erguiam templos majestosos para trezenas, missas, batizados e Te-Déuns. Os que investiam nestes monumentos religiosos, comprando, com ou sem muita convicção, um lugar mais confortável no paraíso, eram os mesmos que faziam erguer as Casas da Ópera para abrigar companhias operísticas ou de artes teatrais que, não raro, encenavam textos em espanhol.

A presença do rito nas cidades mineradoras, particularmente os religiosos, moldou uma sociedade lúdica e festeira, acostumada às procissões e novenas, às missas cantadas e celebrações litúrgicas, mas também pronta a participar das solenidades cívicas, das comemorações de bodas da nobreza lusitana da distante Lisboa ou da instalação de bispados na capitania. No interior dos templos ou nas praças públicas estas festividades transbordavam música e cantoria. Enquanto o ouro erigia palácios e monumentos, sobrados de inúmeras janelas e beirais ondulados pela superposição das telhas, e artistas, pardos em sua maioria, esculpiam retábulos e fachadas em templos monumentais, ou decoravam tetos e sacristias destas igrejas com passagens bíblicas em azuis e carmins, as ruas, repletas de mascates, forasteiros, comerciantes, mercadores de escravos, liteiras e alferes da tropa paga tinham um encanto especial, quadro vivo da opulência de uma gente capaz de benzer-se com água benta pela manhã e fornicar à noite, nas alcovas de amantes, negras, mais freqüentemente, e brancas, mais raramente, não por serem mais castas, mas simplesmente menos numerosas. Não raro, com certeza, embora seja difícil provar, o anel, o broche, a mantilha, presenteados a concubinas pelos devassos, foram doados para ornar os dedos, o busto ou os ombros de imagens de santas nos seus andores ou nos seus altares. A moralidade era só um acessório formal: o comportamento pudico à luz do dia revelava-se lascivo ao cair da noite. Os que se benziam eram os mesmos fornicadores na primeira oportunidade. Sacra e profana, esta a sociedade barroca do século XVIII nas cidades do Ciclo do Ouro.

Na capitania de Minas, no século XVIII, era a vida que era barroca. Tudo favorecia este contexto. Em cada esquina, um conflito. Em cada casa, um romance. Na cidade inteira, um susto, um medo. Um novo poema em cada sarau. Um novo moteto em cada missa. Um jogo permanente. Não só no sentido lúdico do jogo. Também um jogo perigoso onde se jogava a vida e a morte. Viver era uma aventura constante, nas minas de ouro ou nas tertúlias vespertinas onde se travava o embate intelectual de rimas e idéias. E,

pairando sobre tudo, a repressão da Coroa e a ameaça do inferno na voz delicada do clero. São João del-Rei, Vila Rica, Mariana, Sabará, Tiradentes, Diamantina eram, na verdade, imensos teatros barrocos. Nada melhor, para demonstrá-lo, do que o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, obra-prima do épico e, também, do barroquismo teatral. Vale transcrever apenas parte do “Romance XXI ou *Das Idéias*”, que resume a vida e o cenário do século XVIII na capitania de Minas:

Os rios todos virados.
Toda revirada, a terra.
Capitães, governadores,
padres, intendentes, poetas.
Carros, liteiras douradas,
cavalos de crina aberta.
A água a transbordar das fontes.
Altares cheios de velas.
Cavalhadas. Luminárias.
Sinos. Procissões. Promessas.
Anjos e santos nascendo
em mãos de gangrena e lepra.
Finas músicas broslando
as alfaias das capelas.
Todos os sonhos barrocos
deslizando pelas pedras.
Pátios de seixos. Escadas.
Boticas. Pontes. Conversas.
Gente que chega e que passa.
E as idéias.
Amplas casas. Longos muros.
Vida de sombras inquietas.
Pelos cantos das alcovas,
histerias de donzelas.
Lamparinas, oratórios,
bálsamos, pílulas, rezas.
Orgulhosos sobrenomes.
Intrincada parentela.
No batuque das mulatas,
a prosápia degenera:
pelas portas dos fidalgos,
na lâ das noites secretas,
meninos recém-nascidos
como mendigos esperam.
Bastardias. Desavenças.
Emboscadas pela treva.
Sesmarías. Salteadores.
Emaranhadas invejas.
O clero. A nobreza. O povo.
E as idéias.

Foi nesta fantástica atmosfera que em 1733 ocorreram as festividades de trasladação do Santíssimo da Igreja do Rosário para a nova Matriz de Nossa Senhora do Pilar, mandada construir pelos moradores do bairro de Ouro Preto. É o exemplo mais típico do sacro/profano, paradigma da sociedade mineradora. Estas festividades, verdadeiro cortejo teatral e barroco, operístico na sua forma e suntuosidade, foram descritas com riqueza de detalhes por Simão Ferreira Machado, natural de Lisboa e morador das Minas, que publicou em Portugal, no ano seguinte, 1734, o opúsculo intitulado *O triunfo eucarístico*. Entre nós, tornou-se clássico o estudo deste documento feito pelo poeta Affonso Ávila.

Este trabalho definitivo tem que ser citado obrigatoriamente, tanto quanto outros do mesmo autor, quando se falar sobre a sociedade barroca do século XVIII na capitania de Minas. De todos os documentos que retratam a mentalidade e o estilo de vida da sociedade do século XVIII em Minas, *o Triunfo eucarístico* é, sem dúvida, o mais importante. A riqueza de detalhes, a precisão das descrições, levam-nos, inevitavelmente, a estabelecer com os desfiles descritos que precedem a procissão de 24 de maio de 1733, um paralelo com a *féerie* coreográfica do moderno carnaval carioca. A multiplicidade dos recursos cenográficos e a pompa coreográfica dos cortejos e danças complementados, na descrição de Simão Ferreira Machado, pela diversidade dos instrumentos e arranjos da música marcial e profana, e pelo detalhamento dos trajés, ornatos e alegorias, trazem à nossa lembrança as alas das Escolas de Samba, os destaques do enredo, a evolução da porta-bandeira, as alegorias de mão e os carros alegóricos com seus complexos mecanismos, onde não faltam o aspecto visual e o sensualismo de uma dança que se vale de ritmos de fundo primitivo. Eliminados os símbolos religiosos, o cortejo descrito no *Triunfo eucarístico* é um teatro ambulante, um espetáculo aberto, estandartes ao vento e mascarados em bando, alas e cordões movimentando-se feericamente sob o cenário das ornamentações de rua. Diz Simão Ferreira: “nas janelas, correu por conta das sedas e damascos uma vária e agradável perspectiva para a vista. Viam-se em preciosos e esquisitos labores de

ouro e prata. Estavam nas ruas, em distância competente, cinco elevados arcos em cujo artifício ajudou a preciosidade do ornato, a arte e a competência dos artífices. Um deles, fabricado de cera, na vulgar matéria, pelos empenhos da arte fez no juízo lugar à competência, nos olhos teatro nos esplendores do ouro, das luzes, dos diamantes”. Veja-se este outro trecho: “seguia-se Júpiter. Cobria-lhe a cabeça uma caraminhola toda de peças de ouro e diamantes, rematada no alto com uma estrela formada com os raios de uma redonda jóia de diamantes, rematada na parte posterior por um cocar de plumas brancas e azuis, nascido de outra jóia de diamantes. Peito e petrina em cor nácar lavrada de ouro e diamantes, com guarnições de franjas de prata. Levava na mão direita um cetro de ouro com raios do mesmo e no braço esquerdo um escudo dourado com seu caráter”. Uma descrição digna de qualquer destaque de Escola de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro. E não falta também a descrição da viatura que conduzia o personagem: “vinha em um carro triunfante no feitio de uma concha em cuja fábrica concorreram com igual propriedade a arte fabril e as cores da pintura. Crescia nela um ornato de ouro e aljofres, deixando livres e unidas a naturalidade com a riqueza. Cingiam os extremos quadrangulares do carro sedas verdes e florões de ouro com franjas e borlas do mesmo. Um artifício oculto dava, nas rodas do carro, movimento”.

Mas Simão Ferreira Machado não se esqueceu de detalhar os acontecimentos profanos da procissão eucarística: descreve arautos, mascarados, figuras grotescas, bandas de pífanos, danças primitivas, músicas diversas. No evento, poder temporal e espiritual estavam de mãos dadas para impor à população mineradora a sua força e domínio. Sagrado e profano. Em 1993, a convite do então prefeito municipal de Ouro Preto, Ângelo Oswaldo, o arquiteto e cenógrafo Raul Belém Machado, a figurinista Mamélia Dornelles e eu reproduzimos o cortejo do *Triunfo eucarístico* em Ouro Preto, comemorando os 260 anos daquele acontecimento.

Estas observações, feitas sobre uma época tão distante, não estão, entretanto, tão longe de uma realidade cotidiana. As festas religiosas de São João del-Rei, particularmente as procissões da

Festa de Passos, do Enterro, de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora das Mercês e da Boa Morte são cortejos ritualísticos que continuam a guardar resquícios de festas profanas como os desfiles de entidades carnavalescas: andores são verdadeiras alegorias, irmandades com suas opas e hábitos guardam semelhanças com alas de Escolas de Samba. Em algumas procissões, como na do enterro, há figurados bíblicos, que são os destaques. E há coordenadores do cortejo, verdadeiros diretores de harmonia. E mais: nas cidades barrocas de Minas, os figurados das procissões, muitas vezes são passistas, destaques ou membros de alas do carnaval de

suas cidades. *Sacro e profano*, herança atávica que carregamos conosco, nós, os que nascemos nas cidades do Ciclo do Ouro daquele século de ambição desvairada e religiosidade exacerbada. Somos, sim, festeiros, barrocos, ritualísticos.

JOTA DANGLIO é professor titular aposentado da UFMG, dramaturgo e teatrólogo. Entre outros cargos, foi Secretário de Estado da Cultura e presidente da Fundação Clóvis Salgado e da Belotur. Atualmente é diretor-presidente do BDMG Cultural.

Festa de Nossa Senhora do Carmo, 2007. Foto: Marcelo Fernandes/Mario Krauss.



A vila de São João del-Rei foi a cabeça da extensa comarca do Rio das Mortes. No primeiro quartel do século XIX possuía uma população estimada em torno de 6.000 habitantes, sendo um terço de brancos, em um total de 25.441 distribuídos pelo termo da vila, que incluía, entre outros, os distritos de Conceição da Barra, Bom Sucesso, Carrancas, Lavras do Funil e Dores do Pântano. Em seu aspecto geral a cidade causava boa impressão aos viajantes que ali chegavam, com suas ruas calçadas, casas caiadas, vários sobrados imponentes com vidraças nas janelas, além dos edifícios públicos e as igrejas barrocas que se erguiam em todos os quadrantes da vila.

Sua origem confunde-se com a corrida do ouro, que, num curto espaço de tempo, povoaria a região central da capitania.

A partir de 1704, com o início da exploração do ouro, começam a surgir os núcleos habitacionais junto aos locais de mineração que darão origem ao Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, ou Arraial do Rio das Mortes. Em 1713 o Arraial Novo é elevado à categoria de vila, recebendo o nome de São João del-Rei, em homenagem a D. João V, então rei de Portugal. Sendo a sede da comarca, na qual funcionava o aparato administrativo e judiciário e onde eram situadas a Intendência e a Casa de Fundição do Ouro, São João

desempenhava um papel preponderante na região.

Com o esgotamento das atividades de mineração, São João irá se afirmando como o principal pólo comercial da Capitania, passando a centralizar o fluxo do comércio de mercadorias provenientes de diversas regiões e que encontravam escoamento no eixo que ligava Minas à região litorânea.

A posição privilegiada da região, cortada pelas principais estradas que davam acesso ao centro da capitania, a tornava passagem obrigatória dos que se dirigiam ao território das Minas. Além das mercadorias trazidas

IVAN DE A. VELLASCO

SÃO JOÃO DEL-REI

UMA VILA
IMPERIAL

nos lombos dos burros, os homens das tropas de regresso do Rio de Janeiro traziam novidades, jornais, idéias.

A elite local começava então a estreitar vínculos e angariar influências e relações junto aos círculos políticos que intensificavam as atividades na Corte e trabalhavam o processo da Independência. Tanto é que, no dia 3 de abril de 1822, D. Pedro I será recebido em São João com pompa e circunstância, 5 meses antes do desenlace do processo de independência do Brasil.

Com a recepção acalorada de Dom Pedro as elites políticas locais demonstravam seu apoio e engajamento ao processo de independência já em curso e começavam a definir sua participação na arena política do Império, aliadas às forças liberais que levariam na década seguinte, nos desdobramentos das lutas políticas pela plena emancipação, à renúncia do Imperador e ao período regencial.

Ao visitar a região, em 1828, Robert Walsh já encontraria, na “próspera e florescente cidade”, os claros sinais de uma elite que se preparara para o desempenho de suas funções de Estado. A essa altura a população teria aumentado para algo em torno de 7.000 habitantes, com uma população escrava inferior a um terço do total. Há cerca de um ano já funcionava na cidade a tipografia montada por Batista Caetano de Almeida, responsável pela edição do jornal “Astro de Minas”, órgão dos liberais que circulava desde 20 de novembro de 1827, três vezes por semana. Na mesma época havia sido criada a Biblioteca Municipal. A “Livreria Pública” foi inaugurada, no dia 19 de agosto de 1827, teve o seu acervo ampliado por doações de alguns homens proeminentes e existe até hoje, com seu valioso patrimônio de obras raras¹.

A imprensa local viveu seu período de glória durante o espaço de tempo que decorre do final dos anos 20 a meados dos anos 40, quando em 1844 deixa de circular o último jornal ainda ativo do período. Nesse tempo 12 periódicos tiveram existência. Um desses jornais, que circularam no período, dirigia-se ao público feminino, o órgão liberal “O Mentor das Brasileiras”; sua missão: informar o “belo sexo” dos acontecimentos políticos e incorporar as mulheres à difusão das luzes. As mulheres desempenhavam papel extremamente relevante na economia da região. Saint-Hilaire reparou, não sem certo incomodo com a

“audácia”, que, “desafiando preconceitos”, as mulheres “da comarca de São João se deixam ver mais freqüentemente do que as de outras partes da Província de Minas”².

Enquanto isso, os homens procuravam aprimorar sua ilustração, suas habilidades e seus recursos no traquejo social e nas tertúlias políticas. Batista Caetano, novamente ele, convidou e “aqui manteve o sábio professor de História e Antigüidades, em Coimbra, o emigrado português Padre Francisco Freire de Carvalho”, que, de 1830 a 1833, fez funcionar na cidade um curso de “belas-letas”³. No jornal o “Astro de Minas” somos informados que Francisco Freire abriria “sua aula de Retórica e Poética, na qual se prop[unha] a dar idéias elementares de Eloquência de Crítica e de Poesia com especial aplicação ao idioma Português”. A busca de refinamento da “boa sociedade” multiplicava a demanda por bens culturais, apresentações teatrais, execuções musicais, além de, certamente, repercutir no abrilhantamento, com maior pompa e requinte, das festas cívicas e religiosas, nas quais o povo se misturava ao teatro das elites.

A efervescência vivida então pela cidade não era inteiramente inédita. A vila de São João beneficiava-se de uma tradição artística e cultural herdada já do século XVIII, quando floresceu como um dos centros irradiadores da cultura barroca, que deixou suas marcas indeléveis, e não apenas as arquitetônicas, no cenário social de Minas Gerais.

Aspecto marcante da vida cultural da época era a intensa atividade musical sacra e profana exercida pelos grupos orquestrais que atuavam na cidade desde o século XVIII (e seguem em atividade até os dias atuais). Existiam já então duas orquestras cujas origens remontavam à segunda metade do Setecentos, quando a competição entre as irmandades possibilitava aos músicos excelentes oportunidades de trabalho.

A Orquestra Lira Sanjoanense existiu, pelo menos, desde 1776 e prestava serviços musicais à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Já a Orquestra Ribeiro Bastos, contratada pela Ordem Terceira de São Francisco, tem seu registro mais antigo datado do ano de 1755⁴. Dentre o povo eram recrutados músicos e artistas, sobretudo mulatos, que compunham as orquestras, representavam nos palcos, e emprestavam seus talentos manuais para a satisfação de consumidores cuja fruição estética se tornava mais exigente. Por outro lado, a vida

social e cultural, os hábitos e costumes dos habitantes da vila, contagiavam seu entorno, aí compreendidos as vilas menores, os distritos e arraiais, cuja população se dirigia com freqüência a São João.

Nas ruas, nas vendas e bodegas, seguiam as manifestações de uma outra vitalidade cultural, que regia as festas populares, os entrudos, o congado, e ainda as jogatinas, a bebida, as noites de viola e os prazeres da carne, que tinham seu centro geográfico na muito apropriadamente denominada Rua da Cachaça, posteriormente, e mais apropriadamente ainda, Rua da Alegria.

Enfim, a cidade vivia seu apogeu. Em 1833, o “ano da fumaça”, a cidade viverá dias de glória e agitação ao sediar o governo da província e a resistência à sedição restauradora de Ouro Preto. Este episódio marcava o papel destacado que a cidade e a elite regional, liberal-moderada, passavam a exercer no período regencial.

Em que pesem os desmembramentos sucessivos que a comarca irá sofrendo, diminuindo a importância político-administrativa de São João, a cidade seguirá sendo um centro econômico e cultural que ensaiará novos impulsos de desenvolvimento no decorrer do século, sem, contudo, retornar aos dias que Burton chamou de “sua segunda e última ‘aurea aetas’”.

A cidade seguiu sendo um importante pólo das atividades mercantis e financeiras da região até o final do Império. A última quadra do século assistiria ainda ao ressurgimento da atividade de imprensa na cidade, à chegada da ferrovia Oeste de Minas, inaugurada em 1881, ligando São João del-Rei à Estrada de Ferro D. Pedro II, ao surgimento da indústria têxtil e à chegada dos imigrantes italianos.

1 - Uma visão parcial desse acervo pode ser encontrada em Lucy Fontes, Marysia M. Fiuza & Sonia de C. Gomes. Catálogo de Livros Raros da Biblioteca Baptista Caetano. Central Globo de Comunicações, 1992

2 - Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte, Itatiaia / São Paulo, Edusp, 1975, p. 55.

3 - Augusto Viegas. *Notícias de São João del-Rei*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1942, p. 40.

4 - José Maria Neves. *A orquestra Ribeiro Bastos e a vida musical em São João del-Rei*, 1984.

IVAN DE ANDRADE VELLASCO é professor da Universidade Federal de São João del-Rei, mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

ABGAR CAMPOS TIRADO

RITOS RELIGIOSOS EM SÃO JOÃO DEL-REI



São João del-Rei se destaca pela intensidade e exuberância de sua vida religiosa tradicional, através de variadas celebrações litúrgicas e paralitúrgicas, na piedade de suas missas e na devoção de suas vias-sacras, tríduos, novenas e procissões diversas, sem faltar o latim e os foguetes, continuando vivo o mundo barroco, na plena efervescência do século XXI.

Nossos sentidos se vêem envolvidos pelo som dos sinos, que, na eloqüência de sua peculiar linguagem, transmitem com seus dobres simples, duplos e repiques muitas informações e mensagens, tão bem identificadas pelo são-joanense; pela música litúrgica e religiosa, executada pelas vozes e instrumentos das bicentenárias orquestras Lira Sanjoanense e Ribeiro Bastos; pelo agradável aroma dos incensos e das plantas aromáticas presentes nas cerimônias; pela riqueza e beleza de tantas obras pictóricas, escultóricas e arquitetônicas; pelo contacto com velas, tochas e lanternas e mesmo pelo gosto adocicado das amêndoas em cartuchos decorados.

Apresentemos, de modo breve, alguns dos rituais religiosos de São João del-Rei:

A ENCOMENDAÇÃO DE ALMAS - Uma tradição portuguesa, aqui piedosamente conservada, na sinceridade de seu contexto religioso e penitencial, na qual, com a presença da música, músicos da Orquestra Lira Sanjoanense rezam pelos mortos, a altas horas da noite durante a Quaresma, quando se executam os Motetos dos Passos, de autoria do compositor são-joanense Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912). São elas realizadas em três sextas-feiras do período quaresmal, acompanhadas por pessoas devotas. Integram seu roteiro os cemitérios das várias Irmandades, Confrarias, Ordens Terceiras, bem como cruzeiros, encruzilhadas e o espaço em frente a igrejas.

A VIA-SACRA - Esse piedoso exercício é realizado durante toda a Quaresma e início da Semana Santa, pelas Ordens Terceiras,

Confrarias e Irmandades, em suas respectivas igrejas. Nela, as orações são alternadas com a música tradicional são-joanense, a cargo da Orquestra Ribeiro Bastos. São especialmente significativas as Vias-Sacras externas, isto é, nas ruas, com a particularidade de percorrerem apenas 7 estações, em vez das 14, quando, junto com o sacerdote, os irmãos da Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, com suas opas roxas e tochas acesas, rezando o Rosário de Nossa Senhora, saem da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, conduzindo o Crucificado, detendo-se, juntamente com os fiéis, diante das pequenas capelas setecentistas denominadas Passinhos, onde se reza e se executam motetos do já citado Martiniano Ribeiro Bastos, com textos ligados aos acontecimentos da Via Dolorosa. São a primeira e a sétima estações, respectivamente, a Igreja de São Francisco de Assis e a Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar; as demais são as referidas capelinhas situadas no centro histórico. Quando o cortejo se movimenta após cada estação, soam triste e compassadamente os sinos das igrejas próximas. Na Igreja de São Francisco de Assis, o cortejo é recebido pelos irmãos da Venerável Ordem Terceira, os quais, após a cerimônia, conduzem o préstito até a porta, para o prosseguimento do Caminho da Cruz.

Na sexta-feira e no sábado imediatamente anteriores ao IV Domingo da Quaresma, efetuam-se os chamados Depósitos de Nossa Senhora das Dores e do Senhor Bom Jesus dos Passos, respectivamente nas Igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis e, já na manhã de domingo, realizam-se, ao redor de cada uma das citadas igrejas, as pequenas procissões conhecidas como rasouras, seguidas da celebração da Santa Missa; à tardinha, tem lugar a solene Procissão do Encontro, com pregação, no antigo Largo das Mercês, seguida, na Catedral, pelo Sermão do Calvário.

Na sexta-feira que antecede o V Domingo da Quaresma tem início, na Catedral, o Setenário das Dores de Nossa Senhora.

Chega-se então à Semana Santa, promovida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento (de 1711), que se inicia no Domingo de Ramos e termina no Domingo da Ressurreição, com toda a sua liturgia de caráter universal. Todavia, São João del-Rei, dentro dessa liturgia, possui, na paróquia de Nossa Senhora do Pilar, algumas características próprias, como a manutenção do Canto da Paixão em latim e em gregoriano e, sobretudo, a preservação, na íntegra, dos multiseculares OFÍCIOS DE TREVAS, sendo a única cidade do mundo a mantê-los, sem interrupção, em sua totalidade, com o latim, canto gregoriano e música coral-orquestral, esta de compositor são-joanense. Esses ofícios correspondem às duas primeiras horas canônicas, constituídas pelas *Matinas* e *Laudes*. Realizados na noite de Quarta-Feira Santa e nas manhãs de Sexta-Feira e de Sábado Santo, neles se medita sobre a paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quase todas as suas Antífonas, todos os Salmos e todas as Lamentações se fazem em canto gregoriano; as Lições, em melodia própria da região, com acompanhamento orquestral, sendo que os Responsórios e as Antífonas iniciais e finais são cantados pelos solistas, coro e orquestra da bicentenária Orquestra Ribeiro Bastos, com música do compositor são-joanense Padre José Maria Xavier (1819-1887), do qual também é a parte não-gregoriana do coro alternado do Cântico de Zacarias. O canto gregoriano fica a cargo dos solistas e coro dos Coroinhas de D. Bosco, da Catedral, também com a participação do Senhor Bispo Diocesano e de alguns sacerdotes. Denominam-se esses ofícios OFÍCIOS DE TREVAS em referência às trevas da morte e do sepulcro, trevas essas simbolizadas pelo apagar gradativo de 14 das 15 velas do candelabro triangular, o tenebrário, representando a do vértice o próprio Jesus Cristo, vela essa que não se apaga, mesmo no final do ofício, quando se desligam todas as luzes da igreja e se produz o ruído representativo do fenômeno sísmico ocorrido na hora da morte de Cristo.

Bem características são também as cenas bíblicas montadas, para serem visitadas sobretudo na noite de Quinta-Feira Santa, nas igrejas de São Francisco, do Rosário, das Mercês, do Carmo e de São Gonçalo, a propósito do que cabe fazer uma interessante observação. Essas igrejas, se unidas por uma linha imaginária, formam um pentágono, tendo ao centro a Igreja-Mãe, a Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, voltada para a fachada de cada uma das referidas igrejas, todas elas oriundas do século XVIII. A esse pentágono podemos chamar de PENTÁGONO BÍBLICO, ou PENTÁGONO RELIGIOSO, uma vez que praticamente todas as celebrações religiosas tradicionais da cidade, incluindo as procissões, realizam-se dentro dos limites desse polígono.

Impressionante também é, na Sexta-Feira Santa, a cerimônia do Descendimento da Cruz, no magnífico cenário natural constituído pela escadaria da Igreja das Mercês, diante da praça em plano inclinado, bem como a Procissão do Enterro, que vem a seguir, com toda a sua barroca encenação, sem faltar o canto da Verônica.

Em outro contexto, são também de respeitável tradição, além de outras, as festas religiosas do bairro de Matosinhos, especificamente a Festa do Divino Espírito Santo e a do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, ambas mais que bicentenárias e celebradas com grande brilho.

Concluindo, podemos afirmar que, em São João del-Rei, as celebrações religiosas, além de sua opulência e beleza, possuem um caráter de profunda fé e de sincera e autêntica vivência da religião, jamais se constituindo em meros espetáculos destinados à admiração e aplauso de entusiásticos espectadores.

ABGAR CAMPOS TIRADO é membro efetivo da Academia de Letras de São João del-Rei e da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, além de sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA:

ANOTAÇÕES SOBRE A IMPRENSA SÃO-JOANENSE DO SÉCULO XIX

MARIA ÂNGELA DE ARAÚJO RESENDE

QUEREIS CONHECER O BRAZIL

Com todos os seus Estados, cidades, vilas e povoações, aldeamentos de índios e nomes de suas innumeras tribus?

Quereis conhecer emfim o nosso grande Brazil, suas estradas de ferro, planaltos, ínvios sertões, etc.?

Comprae e collocae em vossa salla o grande mappa que se acha á venda no Cachimbo Turco, á Rua Municipal n. 16. São João Del Rey.

(*A Pátria Mineira*, n. 214, 16 de novembro de 1893, p. 3)

Possuída pelo “mal de arquivo” e pelo desejo de memória, percorri a escrita do jornal são-joanense do final do século XIX, *A Pátria Mineira, Órgão da idéia republicana*. Há alguns anos convivo com a paixão do republicano Sebastião Rodrigues Sette Câmara, natural de Ponte Nova (MG), mais conhecido como Sebastião Sette, num empreendimento de 227 edições semanais, durante 5 anos (1889 a 1894).

Entre tantos periódicos da época que circulavam nos mais diversos municípios e províncias, o jornal *A Pátria Mineira* se consolidou como um dos mais importantes órgãos de propaganda republicana do interior do país (SODRÉ, 1983) e, após a Proclamação da República, continuou como espaço vivo de discussão dos efeitos da mudança do regime ocorrida na pátria/nação que se desejava construir.

Usando os próprios recursos financeiros, Sebastião Sette inaugura um espaço de discussão política, educacional, científica e literária, disponibilizando aos leitores de Minas e do Brasil, as idéias e práticas de uma época em ebulição, na política, nas ciências, na literatura e na imprensa.

O número de estréia – *N. Programma* –, impresso no canto superior direito da primeira folha, data de 14 de abril de 1889, portanto, uma semana antes das comemorações da morte de Tiradentes, o grande mito de origem da República. Não foi por acaso que a estréia da folha se deu nessa data e sua publicação reiniciada em 16 de maio de 1889:

... O programma de nossa folha será portanto: cooperar para a grande união futura do Brazil sob a republica federativa predispondo, como meio de acção, a independencia de nossa propria provincia.
Por outras palavras, será

prosseguir no grandioso plano da conjuração mineira, interrompido, há cem annos, por diversas causas, entre outras, pela do regimen da escravidão, que acabou de extinguir-se.

(*A Pátria Mineira*, N. Programma, 14 de abril de 1889, p. 1)

Sua última edição, número 226, chega aos leitores em 31 de maio de 1894:

FIM

Cinco annos estão decorridos desde o dia primeiro em que foi dado á publicidade o primeiro numero d’*A Pátria Mineira*.

...

A Republica está proclamada, está constituida e acaba de dar ao mundo sublime prova de estar firmada no animo, no coração e no braço dos verdadeiros filhos do Brazil.

...

(*A Pátria Mineira*, n. 226, 31 de maio de 1894, p. 1)

Diante da quase inexistência de pesquisas sobre esse acervo¹ e da variedade de temas, optei pelo estudo que privilegiasse a escrita ficcional presente no referido jornal, especialmente a seção Folhetim. O Folhetim d’*A Pátria Mineira*, em sua diversidade de gêneros, além de outros espaços textuais do jornal, me indicaram caminhos para se refletir sobre o processo de formação da nação, através da sua ficcionalização, e a interlocução com o leitor: dos editoriais, passando pelas literaturas brasileira, estrangeira e a produção literária de autores locais, “notícias da Europa”, as “notícias locais”, publicações a pedido, charadas, notas, anúncios do comércio de São João del-Rei, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Os chamados às festas religiosas e procissões, os avisos da chegada do

circo e de companhias teatrais à cidade evidenciam um rico traçado de costumes, hábitos de leituras e de entretenimento. Enfim, o leitor desse periódico se vê diante de uma série de discursos que apontaram para uma leitura múltipla e saborosa.

Para traçar itinerários de leitura desse periódico, questões se faziam necessárias: como foi construída a imagem da República, uma vez que ela se deu de forma diferenciada em diversas regiões do país? Que tipo de contribuição esse periódico pode ter dado às discussões sobre monarquia, república, educação do povo, abolição, imigração, saúde pública, costumes, ciência, industrialização e assuntos de natureza diversa que emergiam do mar de impressos que circulavam no Brasil? De que forma a imprensa são-joanense dialogava com esses acontecimentos e com a imprensa da época? O que significa a tentativa de reconstruir a história de uma dada comunidade, a partir de fragmentos e pequenos rastros – *restos perdidos que reaparecem, máscaras inciertas que encierran rostros queridos*² –, no dizer de Ricardo Piglia, ao se referir à memória e à tradição? É possível ler a tradição a partir desses rastros, conjugando-se passado, presente e futuro?

A resposta do narrador do passado, na figura do editor e redator do jornal *A Pátria Mineira*, Sebastião Sette, aponta para um “direito de memória”, como nos lembra Hugo Achugar (2003), ao indagar sobre a nossa insistência em contar, analisar ou recuperar o que foi dito, feito ou escrito. Por outro lado, os sujeitos que enunciam e constroem a memória de uma comunidade, ao reclamarem o seu “direito” não o fazem de forma inocente, pois a memória também é uma construção ideológica de uma cultura nacional, o que pode ser verificado na impossibilidade de se encontrar uma interpretação única do passado. Ao chamar para si essa tarefa, Sebastião Sette afirma a consciência da história e a possibilidade

da sua futura releitura, na direção apontada por Roger Chartier (1990), que nos lembra que todo texto é produto de uma leitura, portanto, uma construção do seu leitor. Ela põe em jogo o corpo, a inscrição em um espaço, relação consigo ou o outro. Por isso, devem ser reconstruídas as maneiras de ler de cada comunidade de leitores, seus hábitos esquecidos e gestos imperceptíveis.

Baseando-me nas relações entre memória, literatura e história, fez-se necessário identificar o tipo de produção jornalística, literária e de base oral veiculada pela imprensa e a formação do leitor no final do século XIX, na região de São João del-Rei. Uma leitura alternativa do passado torna-se importante à medida que se pretende discutir a imprensa como um instrumento que viabilizou certo tipo de leitor e a construção do imaginário da nação.

A pátria em construção, presente nas representações discursivas desse jornal, reflete a procura de uma identidade que se apresenta multifacetada, que ora pretende disseminar a idéia republicana a uma classe culta, ora pretende atingir uma classe semiletrada num mesmo veículo de comunicação. Isso pode ser observado na busca dos diferentes tipos de leitores, através da diversidade de seções e de temas. Exemplos são os longos editoriais, de caráter político, filosófico, científico e doutrinário e artigos de colaboradores que, muitas vezes, apresentam citações em latim, inglês, francês e italiano, destinados ao leitor erudito e culto, voltado para as práticas intelectuais, políticas e literárias.

Por outro lado, a interlocução dos republicanos com uma grande maioria de pessoas destituídas de cidadania pelo processo vigente no Império também foi uma preocupação da propaganda são-joanense. *A Pátria Mineira* desenvolveu formas de estratégias de diálogo, com a finalidade de seduzir esse segmento de leitores, por meio de “artigos doutrinários

e noticiosos da idéia republicana”, utilizando as próprias palavras do redator. As estratégias textuais possuíam propostas e linguagens diferenciadas para cada público que visava atingir. Exemplos disso são as fábulas, as piadas, os textos de caráter moralizante e extremamente didático da seção *Pendula*, visando educar e preparar os chamados leitores comuns.

As mulheres, os trabalhadores e os desprovidos de educação escolar completam o público-alvo do periódico, pois esses representavam a maioria dos grupos marginalizados politicamente. Na seção *Folhetim*, o tom intimista e a linguagem coloquial de alguns textos fizeram desse espaço um local de enunciação exclusivo para doutrinação, sedução e apurado controle moral dos republicanos.

No *Folhetim*, encontram-se cartas entre dois compadres, interlocutores criados ficcionalmente por Sebastião Sette, em que se discutia, de maneira bem-humorada e relativamente simples, os males da Monarquia, “a velha astuta e amosa megera”, e os prazeres da República por vir, dando continuidade ao ideário das *Luzes* e do *Progresso*. Além dessas cartas, os romances “em fatias”, em edições ininterruptas ocupavam o rodapé desse periódico. Para citar alguns: *Iracema*, de José de Alencar, *O Índio Afonso e O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, *O Couteiro-Mor*, de Alexandre Dumas, além de contos, e poesias traduzidas (Victor Hugo, Lord Byron, Théophile Gautier, Maupassant, entre outros).

Distribuídas de forma assistemática, poesias de Fagundes Varela, João de Deus, Guerra Junqueiro, Gonçalves Dias; poemas de autores locais e da província: Basílio de Magalhães, Praxedes da Costa, Fausto Mourão, entre outros. Incluem-se, nesse vasto repertório, textos direcionados à formação moral das mulheres e a intervenção do redator quanto à vigilância das leituras feitas pelo “belo sexo”.

A epígrafe utilizada para iniciar este texto, reafirma a idéia do *mapa* como metáfora para se entender a perseguição de rastros tão distintos. Na concretude da cartografia, a busca, também, de uma geografia sentimental e a possibilidade de se imaginar a pátria difusa e ainda por se fazer, embora a busca pela totalidade da nação se faça como princípio civilizatório.

Conduzido por uma voz hegemônica e centralizadora, guiado pelo farol iluminista, e também por princípios conservadores, o jornal *A Pátria Mineira* ratifica os princípios que nortearam o final do século XIX: razão e sentimento se fundem nesse projeto de construir a pátria, a partir de Minas: a *patriazinha*, a *heróica* e *formosa Província*, para lembrar Guimarães Rosa³.

1 - Cito a contribuição de duas monografias apresentadas ao Curso de Pós-Graduação em História de Minas – Século XIX, da Universidade Federal de São João del-Rei: *A propaganda republicana em São João del-Rei*, de Kelly Carvalho (1998), e *A propaganda e a consolidação da República em São João del-Rei* (2000), de Moema Cristina Gaio de Oliveira, cujo objeto foi *A Pátria Mineira*. Não foram encontradas outras pesquisas sobre o assunto.

2 - Refiro-me ao artigo *Memória y Tradición*. In: *Literatura e memória cultural*. Anais da ABRALIC. Vol. I – Belo Horizonte, 1991, p. 60-66.

3 - Cf. ROSA, Guimarães. Minas Gerais. In: *João Guimarães Rosa. Ficção Completa*. Vol. II. *Ave Palavra*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.1259-1163.

Referências bibliográficas

- CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A história cultural – entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- RESENDE, Maria Ângela de A. A república em folhetim: *A Pátria Mineira formando almas*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2005.
- SETTE CÂMARA, Altivo de Lemos. *Da caravela de Zarco à redação de “Pátria Mineira”*. Revista do Instituto Geográfico e Histórico. São João del-Rei.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARIA ÂNGELA DE ARAÚJO RESENDE é doutora em Literatura Comparada e professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal de São João del-Rei.

SÃO JOÃO DEL-REI E O TEATRO

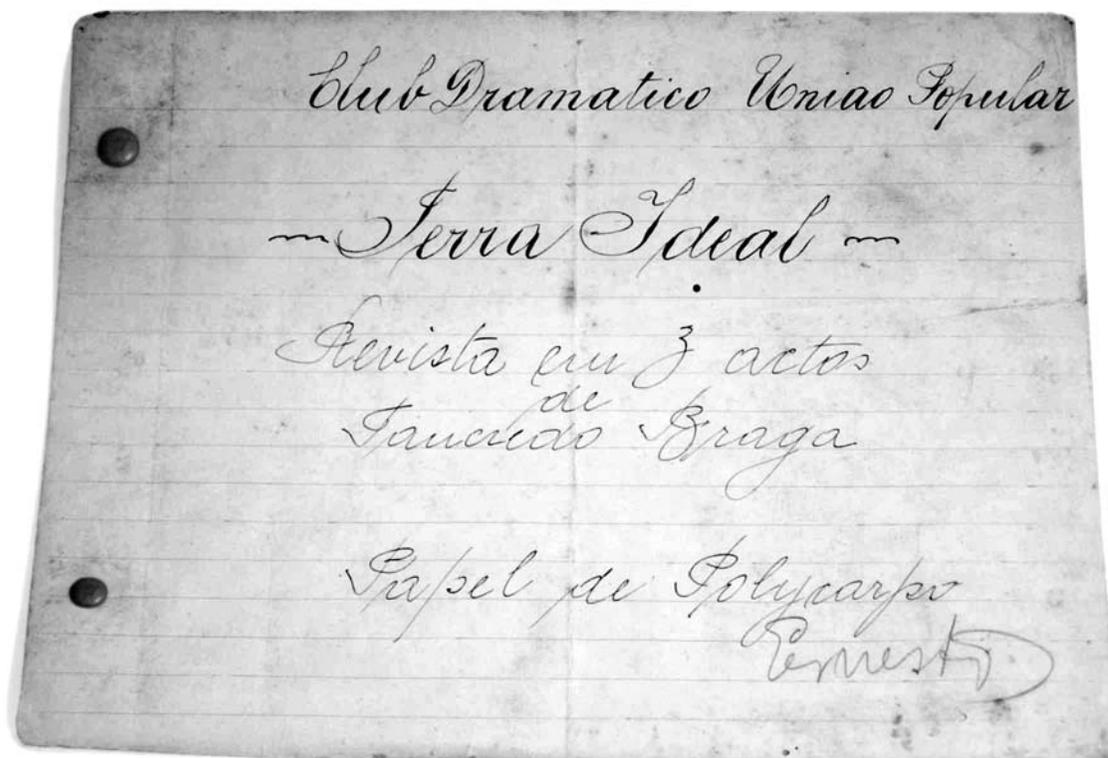
São João del-Rei foi, durante os séculos XVIII e XIX e, em certa medida, durante as primeiras décadas do século XX, um importante centro de atividades teatrais no Estado de Minas Gerais. É por isso que Regina Horta Duarte faz uma analogia entre a importância que a cidade do Rio de Janeiro tinha para as províncias e a importância que São João del-Rei e Ouro Preto tinham para as Minas em termos teatrais: “assim como os teatros de Ouro Preto e São João del-Rei brilhavam aos olhos dos habitantes de outras cidades mineiras, a vida teatral da Corte aparecia como algo mágico para a população das outras províncias”. A importância da cidade em relação ao teatro pode ser notada pela grande quantidade de grupos amadores, pelo número de autores teatrais são-joanenses, pelos teatros lotados, pelas companhias profissionais vindas de outras cidades, comprovando com isso a intensidade do movimento teatral até pelo menos os anos 40 do século XX e que vem sendo retomado no início deste século XXI.

OS ESPAÇOS CÊNICOS

As primeiras notícias que temos sobre teatro em São João del-Rei datam de 1782 e constam do Livro de Acórdãos da Intendência Municipal. O texto refere-se a uma Casa da Ópera. Além dessa Casa da Ópera de 1782, ou de antes ainda, pois Affonso Ávila supõe existir uma casa desse tipo já em 1775, Antônio Guerra menciona (em seu livro *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei, 1717-1967*) mais 6 teatros diferentes, construídos no século XIX, e outros 14 construídos no século XX, nem todos funcionando simultaneamente, é verdade, pois muitos foram demolidos ou simplesmente desativados. Entretanto, o número nos parece já bastante significativo. Atualmente temos o Teatro Municipal, que, após processo de modernização liderado por Adenor Simões Coelho, está em pleno funcionamento, recebendo as melhores companhias brasileiras, e outros espaços, que, apesar de não terem infra-estrutura adequada, acolhem atividades cênicas e musicais: o Teatro do *Campus* Dom Bosco e o do *Campus* Santo Antônio, ambos pertencentes à Universidade Federal de São João del-Rei, e o Teatro do Colégio Nossa Senhora das Dores.

OS AUTORES LOCAIS

Além dos edifícios teatrais, pode-se notar um número bastante significativo de autores locais. Antônio Guerra lista pelo menos 37 autores abrangendo o período que vai de 1879 a 1964. Muitos são autores de uma única peça, mas outros produziram várias obras dramáticas de diversos gêneros. Algumas peças de autores locais fizeram bastante sucesso, sendo, em geral, encenadas por grupos da cidade, mas também, às vezes, pelas companhias em excursão. Um desses autores teve



Capa da peça de teatro de revista *Terra ideal*, de Tancredo Braga, 1915. Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo, doado para a UFSJ. Foto: Carolina Rodrigues Sares.

uma de suas peças publicada em livro: Severiano de Resende, que escreveu *A Virgem Mártir de Santarém*. Eis alguns dos autores mais importantes: Antônio Rodrigues de Melo, Modesto de Paiva, Tancredo Braga, Durval Lacerda, José Viegas, Antônio Guerra, Alberto Nogueira, Carmélio de Assis Pereira, Marco Antônio Camarano. Hoje em dia, ainda podemos encontrar autores cujos textos são esporadicamente encenados, mas seria necessário fazer um levantamento mais detalhado.

OS TEXTOS

Das 60 peças de autores são-joanenses listadas por Guerra no início de seu livro, abrangendo o período de 1879 a 1964, há 22 comédias, 16 revistas, 16 dramas, um vaudeville, uma opereta, uma burleta e 3 peças sem designação de gênero.

Percebe-se que uma das características mais importantes do teatro amador local é a relação estreita entre música e teatro. São João del-Rei é uma cidade com grande passado musical e possui ainda em funcionamento duas orquestras bicentenárias: a Lira São-joanense e a Orquestra Ribeiro Bastos. Essas duas orquestras, que também participaram durante muitos anos dos espetáculos

teatrais, atualmente tocam apenas nas atividades religiosas da cidade.

De todos os gêneros de teatro musicado, o teatro de revista foi um dos mais cultivados pelos autores locais. É fato extremamente importante a grande acolhida que a sociedade são-joanense deu a esse gênero teatral, não apenas prestigiando as companhias que vinham apresentar espetáculos na cidade, mas, sobretudo, escrevendo peças do gênero e encenando-as. É digno de nota que, numa cidade de tradições religiosas tão fortes como São João del-Rei, apareça um número tão significativo de obras de teatro de revista, um gênero eminentemente profano. Talvez a convivência do teatro sério com o teatro ligeiro não seja senão uma repetição do mesmo fenômeno que explicaria a presença tão forte do carnaval, festa que atualmente apresenta um cunho nitidamente profano, ao lado de uma festa local, nacionalmente famosa, a Semana Santa.

OS GRUPOS AMADORES

A cidade também foi pródiga em grupos de teatro amador desde o século XIX: Discípulos de Talma, Sociedade Dramática Particular, Sociedade



Capa da peça de teatro de revista *A onça*, de Modesto de Paiva, 1897. Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo, doado para a UFSJ. Foto: Carolina Rodrigues Sares.

Dramática Juvenil, Grupo Dramático Oeste de Minas, Clube Dramático Familiar, Clube União Popular, Grêmio Teatral Américo dos Santos, Grêmio Infantil Tijucano, Clube Teatral Antônio Felipe e Clube Teatral Artur Azevedo, entre os mais importantes. Os vários grupos teatrais amadores fundados tanto no século XIX, quanto no século passado, funcionavam simultaneamente e chegaram a criar uma concorrência entre si e até mesmo com companhias profissionais que visitavam a cidade. Atualmente, há alguns grupos, tanto amadores quanto profissionais que representam espetáculos regularmente.

UM GRUPO AMADOR: O "CLUBE TEATRAL ARTUR AZEVEDO"

Fundado em 1905, inicialmente o Clube tinha o nome de Grupo Dramático Infantil 15 de Novembro e foi apenas em 1915 que adotou o nome que homenageia o comediógrafo maranhense. Em 1928, quando de uma reorganização do Clube, houve uma nova alteração e o Clube Dramático Artur Azevedo passou a se chamar "Clube Teatral Artur Azevedo" (CTAA). Apesar de o Clube ter encerrado suas atividades na década de 70, consideramos a data de 1985 como a do encerramento de suas atividades,

porque foi no referido ano que sua sede foi vendida e transformada em supermercado.

O período de maior atividade do Clube situa-se entre os anos de 1910 e 1945, período que corresponde a um determinado estilo de espetáculo, denominado de "velha-guarda", se contraposto ao estilo moderno de representação.

Finalmente, não podemos deixar de citar as peças mais montadas pelo "Artur Azevedo", que se enquadram dentro dos temas e preferências do teatro das primeiras décadas do século passado: *O dote*, de Artur Azevedo, que teve inúmeras montagens durante várias décadas – sua primeira representação em São João del-Rei foi no dia 27 de julho de 1907, portanto, 4 meses após a estréia da peça na capital federal; *Os milagres de Santo Antônio*, de José Maria Brás Martins, que também obteve grande sucesso, tanto no século XIX quanto no século XX, e foi montada em várias cidades mineiras; *A Morgadinha de Val-Flor*, do português Pinheiro Chagas, também com muitas apresentações no século XIX e no XX e em várias cidades mineiras; a opereta *O Periquito*, que foi montada por vários grupos amadores são-joanenses desde o século XIX até o fim da década de 20, ganhando várias

montagens pelo Clube; *Tintim por tintim*, revista escrita pelo português Sousa Bastos, que foi apresentada por mais de 3 décadas em São João del-Rei e que sempre fazia enorme sucesso, quando montada pelo "Arthur Azevedo"; *O Mártir do Calvário*, de Eduardo Garrido; e finalmente as operetas *A viúva alegre*, de Franz Léhar, e *Amor Molhado*, de Louis Varney, com libreto de Jules Plevel e A. Liorat, traduzida para o português por Moreira Sampaio. O Clube muitas vezes recorria às duas operetas, quando se encontrava em período de dificuldades financeiras.

Esse "Clube Teatral" teve importância tão grande na história da cidade, que construiu, através de doações, sua sede própria: um teatro de dimensão bastante significativa (1.000 lugares, segundo Viegas, 1953) e uma biblioteca de, aproximadamente, 8.000 volumes sobre os mais variados assuntos, desde contabilidade e geografia até literatura e teatro.

Enfim, esse grupo de teatro amador, passando por várias cidades disseminou sua paixão pelo teatro durante várias décadas, divulgando sobretudo o teatro musicado pelo interior das Minas Gerais. Atualmente sua história vem sendo estudada por alunos da graduação e do mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, e muitos dos livros da biblioteca do Clube Teatral Artur Azevedo e do Sr. Antônio Guerra foram doados à UFSJ, que criou, com financiamento da FAPEMIG, uma página sobre Acervos Literários, Teatrais e Históricos de São João del-Rei: www.acervos.ufsj.edu.br

ALBERTO TIBAJI (Alberto Ferreira da Rocha Junior) é professor do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei.

BREVES NOTAS SOBRE O FOLCLORE DE SÃO JOÃO DEL-REI

ULISSES PASSARELLI

Em Minas Gerais também é este o panorama da cultura popular. Nossas Folias (de Reis, de São Sebastião, do Divino, etc.) e nossos Congados (Congos, Moçambiques, Catupés, Marujos, Caboclinhos, Candombes, Vilões) são oriundos deste caldeamento étnico-cultural e povoam todos os rincões mineiros.

A tricentenária São João del-Rei é reconhecida pela amplitude de seu patrimônio cultural. Não foi por acaso que recebeu em 2007 o título de **Capital Brasileira da Cultura**. Na música é um expoente, no toque dos sinos idem, bem como nas tradições religiosas praticadas em suas históricas igrejas, com destaque para a linguagem dos sinos, as novenas, celebrações e cortejos processionais. O patrimônio ferroviário aqui presente nos enaltece, não obstante o declínio das ferrovias brasileiras. Nesta “Cidade dos Sinos”, emoldurada pelo casario colonial, também a cultura popular é muito bem representada.

Todos os ramos do folclore podem ser aqui bem observados, tais como culinária regional, lúdica infantil, literatura popular, danças folclóricas, crenças e superstições,

artes e técnicas, artesanato, festejos populares e rituais da religiosidade popular.

A Festa do Divino, que aqui tem o *status* de jubileu perpétuo, graças a um breve pontificado do Papa Pio VI, datado de 1786, possui um passado glorioso de intensa atividade religiosa e cultural, que declinou nos meados do século XX para ser reativada em 1998. Desde então tem sido um momento muito especial de evangelização e um dos mais importantes eventos para o folclore são-joanense nos últimos 10 anos, quando se congregam no santuário diversos grupos folclóricos, entre Congados, Folias, Pastorinhas e Danças-das-fitas, além de outras atrações, que se unem com o objetivo de festejar o Divino.

Seu colorido e sua musicalidade são sem dúvidas um atrativo turístico. Esta festa extrapola bastante os limites do Bairro de Matosinhos, que a sedia, para abraçar a cidade toda e, na verdade, ganha um ar regional, pelo imenso poder congregador.

Em especial sobre as Folias e os Congados, pode-se afirmar que são manifestações profundamente arraigadas à religiosidade popular e que contam com um histórico de ocorrência antiga nesta região mineira e por conseguinte estão muito enraizadas.

Acontecem sobretudo em dois momentos: as Folias, como peditórias e itinerantes, visitam as casas, cantando louvores ao Espírito Santo, da Páscoa a Pentecostes (Folia do Divino) ou ao nascimento de Jesus e episódios correlatos do Natal ao Dia de Reis (Folia de Reis) ou ainda ao martírio de São Sebastião, de 7 a 20 de janeiro, portanto em seqüência (Folia de São Sebastião). Os Congados em marcha pelas ruas, e visitando igrejas, surgem na Festa do Divino (maio – junho) e nas do Rosário (agosto – novembro). Esse é o tempo. Fora este, só

em esporádicas apresentações, dispersas ao longo do ano. Mas quem de fato quiser conhecer há de assisti-los em seu ambiente, à sua época própria. Ai são espontâneos, demonstram a sua verdade.

No quadro atual estas manifestações folclóricas enfrentam severos problemas frente às acentuadas questões trazidas pela globalização, as fortíssimas mudanças sociais carreando novos valores, outras concepções de vida e de vivência com o elemento religioso. Para sua salvaguarda, além de se suprir as necessidades materiais dos grupos folclóricos, há uma questão mais profunda, que chama todos à responsabilidade: o respeito humano. Felizmente nossos folieiros e congadeiros estão aprendendo a se autovalorizar como artistas populares. Os dançantes de fato dão tudo de si para a conservação de seus grupos. São pessoas humildes, que muitas vezes gastam o que não podem para mantê-los. Felizmente contudo a visão destas necessidades vem se ampliando e o apoio ora dado é maior que noutros tempos.

Os participantes desses grupos folclóricos são heróis da cultura popular que, por diversas gerações, vêm mantendo estas tradições.

Felizmente na cidade de São João del-Rei, a Festa do Divino tem sido um ícone da valorização destas manifestações e as folias prosseguem, com 7 grupos na zona urbana e 5 na rural, plenamente ativas, além de 5 congados na zona urbana (um dos quais surgido neste ano) e três na rural (2 centenários e um de 2007), prova de que na Capital da Cultura o folclore viceja com esplendor.

ULISSES PASSARELLI é dentista e folclorista.



EMMANUEL PINHEIRO

LÚCIA HELENA BORTOLO DE REZENDE
PATRÍCIA RESENDE MONTEIRO

O ARTESANATO

É PRIORIDADE NO DESENVOLVIMENTO CULTURAL E ECONÔMICO DE SÃO JOÃO DEL-REI

A arte colonial mineira deixou uma herança que hoje está presente nas igrejas e capelas adornadas em ouro, talhas e imaginária, e em outras manifestações artísticas de São João del-Rei.

Do resgate dos caminhos percorridos pelos colonizadores, no período da descoberta do ouro, ressurgiu a Trilha dos Inconfidentes, que possui ricas e variadas manifestações de artesanato.

Em São João del-Rei, cidade pólo da Trilha dos Inconfidentes, está sendo implantado o *Centro de Referência do Artesanato*, elaborado pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Cultura e Turismo, em parceria com o Centro de Tecnologia para a Produção Artesanal da UFSJ e com apoio da Superintendência de Artesanato do Estado de Minas Gerais. O objetivo dessa iniciativa é construir um artesanato sólido e representativo da identidade cultural dos municípios que pertencem à Trilha dos Inconfidentes.

O *Centro de Referência do Artesanato* deverá preocupar-se em buscar, no artesanato, a memória da comunidade, identificada por traços, formas, funções e cores. Por outro lado, os artesãos terão que estar sempre atentos para não se renderem à solução fá-

cil dos estereótipos, das cópias, dos modelos globalizados.

Espera-se também, com o CENTRO, propiciar a elevação da auto-estima e a melhoria da qualidade de vida dos artesãos. As comunidades dos municípios integrantes da Trilha dos Inconfidentes deverão se organizar, mantendo e resgatando as tradições artesanais, considerando a importância do artesanato na geração de emprego e renda, na promoção social e na dinamização comercial.

Antes mesmo da implantação do CENTRO, o artesanato são-joanense já vinha passando por um processo de readequação. No caso dos produtos em estanho, São João del-Rei é reconhecida como a única cidade da América Latina a trabalhar com essa matéria-prima. Nas quase 20 fábricas de estanho existentes na cidade, mais de 300 artesãos produzem peças baseadas em modelos tradicionais e, recentemente, passaram a inovar, mesclando o estanho ao cristal fabricado em Poços de Caldas.

A Arte Sacra é outra expressão importante do artesanato na região. Na imaginária, na ourivesaria, nos entalhes em madeira, na policromia e nas alfaias. Há também outra enorme variedade de artesanato: mobiliário, objetos utilitários produzidos em grande di-

versidade de materiais, como tecido, metal, madeira, fibras, cerâmica e bordados. Outra peculiaridade de São João del-Rei se observa nas peças em estanho, produzidas em dezenas de fábricas.

Todos esses artesanatos estão disponíveis nas sedes das Associações Comunitárias, na loja da Corporação dos Artesãos, nos ateliês e, a partir do dia 30 de outubro, na Feira Cidade dos Sinos, que funciona aos domingos, na Avenida Presidente Tancredo Neves, no centro da cidade.

A revalorização do artesanato alcançou seu ponto máximo com a criação da CASA DAS ARTES, organizada pela Secretaria de Cultura e Turismo como uma das principais ações da Capital Brasileira da Cultura 2007. Não só os turistas, como os próprios habitantes da cidade, se surpreenderam com a beleza e a criatividade dos objetos de artes produzidos pelos artesãos que vivem em São João del-Rei.

LUCIA HELENA BORTOLO DE REZENDE, mestre em Artes pela ECA/USP, é Secretária de Cultura e Turismo de São João del-Rei.

PATRÍCIA RESENDE MONTEIRO é Coordenadora de Artesanato da Secretaria de Cultura e Turismo de São João del-Rei.



LÍGIA VELLASCO

LÍGIA VELLASCO pinta e expõe há mais de 40 anos. Foi aluna de João Quaglia e freqüentou o ateliê de Inimá de Paula. Em agosto e setembro de 2007, fez sua 21ª. exposição, no Centro Cultural da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem obras em coleções particulares em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevidéu, Roma e Colômbia.

JOÃO QUAGLIA

JOÃO QUAGLIA é artista plástico e professor de desenho, gravura e pintura. Em 2002 comemorou 50 anos de pintura com uma exposição retrospectiva no Museu Nacional de Belas Artes, R. J. Realizou grande número de exposições individuais no Brasil e na Europa, participou de diversas mostras coletivas e recebeu prêmios, alguns dos mais importantes do país. Participou da 5a. Bienal de São Paulo, em 1959.



ANTONIO CARLOS GUIMARÃES
SALOMÉ VIEGAS

A TRADIÇÃO MUSICAL EM SÃO JOÃO DEL-REI

Falar da música em SJDR é abordar um dos aspectos primordiais da identidade cultural do são-joanense. As práticas musicais são diversas e algumas delas sobrevivem há dois séculos de tradição ininterrupta, como é o caso das orquestras sacras que atuam nos rituais religiosos que também remontam ao século XVIII.

A eleição de São João del-Rei como Capital Brasileira da Cultura / 2007 reforçou a consciência que tão flagrante identidade cultural norteia a vocação da cidade e é necessária e fundamental para o desenvolvimento social, político e econômico da nossa comunidade.

Um bom exemplo é a Orquestra Lira Sanjoanense, que foi fundada em 1776, por um grupo de músicos liderados por José Joaquim de Miranda. Essa orquestra é considerada a mais antiga das orquestras mineiras ainda em atividade e uma das mais antigas do mundo. Atualmente a Orquestra Lira Sanjoanense é composta por músicos e cantores amadores e alguns especialistas em música setecentista mineira. Esses músicos garantem a presença regular da música sacra nas festividades da região, especialmente nas festas religiosas de Nossa Senhora da Boa Morte e de Nossa Senhora das Mercês, ambas têm lugar em São João del-Rei.

Outra boa referência é a criação, no ano passado, do curso de música pela Universidade Federal de São João del-Rei. Professores vindos de diversas localidades do Brasil começam a trabalhar para formar músicos e professores de música, promovendo um efeito multiplicador, elevando e aprimorando indiretamente o nível de ensino nas agremiações musicais, como os corais, as bandas de música e outros grupos, através da qualificação e do aperfeiçoamento de seus formadores e professores.

Outra importante instituição de ensino musical em São João del-Rei é o Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, que leva o nome de um dos mais ilustres músicos da cidade. O Conservatório de Música foi criado em 1953 pelo então governador do Estado Juscelino Kubitschek, por iniciativa do então deputado são-joanense Tancredo Neves. Esta escola foi criada tendo em vista a tradição cultural de São João del-Rei, portanto houve uma sensibilidade política em motivar uma vocação existente na região e uma necessidade de formação de músicos que atuassem nas orquestras e bandas de São João del-Rei e região, fato que se consolidou, pois atualmente o Conservatório atende um contingente de aproximadamente 1.600 alunos.

Vê-se que não é de hoje que São João del-Rei tem uma relação especial com a música. No período colonial brasileiro a região de Minas Gerais apresentou um dos mais significativos movimentos culturais do Brasil. Isto ocorreu, entre outras coisas, devido a um grande afluxo de aventureiros em busca do ouro, o que acabou por gerar uma grande movimentação de recursos na colônia. Esses fatos possibilitaram o desenvolvimento de uma sociedade rica e culturalmente refinada na região das Minas. Neste período os músicos eram organizados e contratados por irmandades leigas, para atuar em cerimônias religiosas, casamentos, enterros e procissões.

No século XIX, com a queda das atividades de mineração aurífera e a conseqüente diminuição das riquezas, as atividades profissionais dos músicos contratados pelas irmandades foram drasticamente reduzidas, situação que se agravou mais ainda no final do século, devido à Proclamação da República e à conseqüente separação dos papéis de Igreja e Estado. Desde então, alguns grupos musicais sobreviveram e ainda se mantêm em atividade permanente até os dias de hoje na condição de músicos amadores. Em São João del-Rei encontram-se duas orquestras bicentenárias que ainda se mantêm em atividade: a já mencionada Orquestra Lira Sanjoanense e a Orquestra Ribeiro Bastos. Ambas possuem extenso acervo histórico, já em grande parte catalogado e executado regularmente nas cerimônias religiosas de São João del-Rei.

A Orquestra Ribeiro Bastos não possui documentos que registrem sua criação, supõe-se que descenda de grupos musicais atuantes na Vila de São João del-Rei desde meados do século XVIII. Em 1846 começou a ser dirigida pelo maestro Francisco das Chagas (mestre Chagas) e, em seguida, foi dirigida

durante 53 anos (1859 a 1912) por seu discípulo e sucessor, Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912), que deu seu nome à associação musical. A Orquestra Ribeiro Bastos é a responsável pela música das cerimônias religiosas da Semana Santa na Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar e pelas Festas de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora da Conceição.

De características semelhantes em municípios vizinhos de São João del-Rei temos na cidade de Prados a Orquestra Lira Ceciliana, fundada em 1858, e em Tiradentes a Orquestra Ramalho, que é remanescente de tradições musicais que remontam a 1732. Estas quatro orquestras, cuja sobrevivência deve-se, em parte, a raízes familiares, são fiéis depositárias das tradições e da história musical mineira e nacional. Graças a essas instituições se pode ter resguardada parte da história do Brasil, transmitida por gerações de músicos, interpretando ininterruptamente peças compostas nos séculos XVIII e XIX.

Dentre muitos compositores que atuaram em São João del-Rei destaca-se, com especial importância, o Padre José Maria Xavier (1819-1887), que se tornou imortalizado na cultura local com suas composições dedicadas aos ofícios da Igreja. Essencialmente, de sua obra constam Novenas, Matinas, Missas, Te-Déuns, Hinos, Ladainhas, Antífonas. Sua música é tocada até os dias de hoje nas cerimônias religiosas em São João del-Rei e sua personalidade emblemática faz parte do imaginário são-joanense, como exemplo de dedicação e valorização dos rituais católicos e da tradição musical de São João del-Rei.

A tradição de composição de obras musicais sacras também se estende até o século XX, com o nome de compositores como Pedro de Souza e Geraldo Barbosa (ainda vivo), em São João del-Rei, e Ademar Campos Filho, em Prados. São compositores que escreveram, até recentemente, sob a influência direta de seus antecessores, obras a serem executadas nas cerimônias civis e religiosas, ao lado das obras de compositores dos séculos XVIII e XIX.

Os acervos musicais destes grupos remanescentes configuram-se como parte importante do patrimônio da cultura nacional e representam uma identidade artística do povo da região das Vertentes. Estes acervos vêm sendo recuperados e divulgados desde a década de 1940 por importantes musicólogos como Francisco Curt Lange e José Maria Neves. No entanto, muito ainda há por fazer pela recuperação e divulgação deste acervo.

Apesar do acervo de música sacra produzido nestas cidades ter sido gravado e divulgado por alguns grupos profissionais do país, tem sido pouco estudado e entendido no próprio contexto histórico e cultural das cidades em que foi gerado, ou seja, na própria cidade de São João del-Rei e na região.

A tradição de execução do repertório da música colonial mineira também representa um patrimônio vivo, mantido até os dias de hoje unicamente pelos membros das orquestras. Aliada às características únicas da música setecentista mineira, está a maneira tão peculiar de se tocar esta música. Essa peculiaridade tem sido passada adiante pelas gerações de músicos desde o século XVIII nas Orquestras Ribeiro Bastos, Lira Sanjoanense, Lira Ceciliana e Orquestra Ramalho.

Nestes grupos, a forma de ensino musical é de tradição oral e a prática orientada pelos mais velhos, que ensinam os mais novos, treinados como músicos instrumentistas ou cantores nas próprias orquestras. Grande parte do estudo sobre a música colonial tem sido feito visando revisar o acervo, mas pouco tem sido estudado e registrado sobre como executar o Colonial Mineiro, seja a música vocal ou instrumental. Nesse aspecto, São João del-Rei é possuidora dessa tradição da *performance* da Música Colonial Mineira.

Outra importante tradição Musical em São João del-Rei é a Banda de Música. No século XIX, com a vinda de D. João VI para o Brasil, as bandas militares receberam grande fomento por parte do Império e influenciaram na formação das inúmeras bandas civis que ainda animam a vida musical de muitos municípios brasileiros. Essas corporações tornaram-se não só um importante campo de trabalho para os músicos profissionais, mas também fazem parte da vida cultural da sociedade. São João del-Rei conta com a Banda Militar profissional do 11o Batalhão de Infantaria de Montanha, Regimento Tiradentes, e 3 Bandas Civis – a Banda de Música Theodoro de Faria, a Banda Municipal de Música Santa Cecília e a recentemente criada Banda de Música Meninos de Dom Bosco –, além das bandas dos distritos São Miguel do Cajuru e Rio das Mortes, todas atuantes na vida musical da cidade. Além de prover música para a cidade, as bandas de São João del-Rei mantêm também uma intensa atuação na formação musical para crianças e jovens que se interessam por tocar um instrumento e ser um membro da corporação.

O panorama musical em São João del-Rei não se restringiu às atividades das orquestras sacras e bandas. Em 1930 foi fundada a Sociedade de Concertos Sinfônicos, que tem sido

responsável pela realização de concertos e de uma notável produção de operetas nas primeiras décadas de sua existência. O Teatro Municipal, criado em 1893, sempre foi parte dos circuitos artísticos de grandes nomes da música nacional e internacional, como os pianistas Magdalena Tagliaferro e Arnaldo Estrela. Desde 1986 grandes artistas se apresentaram no Teatro Municipal, durante os Invernos Culturais da UFSJ, e neste ano de 2007 nas programações da Capital Brasileira da Cultura, como o flautista suíço Michel Bellavace, que se apresentou durante o Festival Internacional de Flautistas da Associação Brasileira de Flautistas, sediado em São João del-Rei na sua sétima edição.

Neste ano em que São João del-Rei recebeu o título Capital Brasileira da Cultura, a administração pública mostrou um envolvimento à altura da importância desta identidade artística local, apoiando diversos eventos musicais e outros eventos artísticos. É importante que a administração pública continue contribuindo para o fazer musical em São João del-Rei, junto às instituições de ensino de música e às agremiações musicais, apoiando e fomentando a arte musical em São João del-Rei, que tem projetado a cidade no Brasil e no exterior.

ANTONIO CARLOS GUIMARÃES é professor do Departamento de Música da Universidade Federal de São João del-Rei – doutor em música pela University of Iowa, EUA.

SALOMÉ VIEGAS é professora do Conservatório de Música Padre José Maria Xavier – mestre em música pela UFMG.



JOÃO QUAGLIA



ANDRÉ G. D. DANGELO E VANESSA BORGES BRASILEIRO

ARQUITETURA E URBANISMO

EM SÃO JOÃO DEL-REI



KÁTIA LOMBARDI

Traçar um panorama sobre a história da arquitetura e do urbanismo da cidade de São João del-Rei é, ainda hoje, uma tarefa incompleta, já que os estudos efetuados em sua maioria dedicaram-se apenas a historiar os monumentos tombados da cidade: a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, as igrejas de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo, as pontes da Cadeia e do Rosário, os Passos da Paixão e os chafarizes coloniais. Em regra, todos esses edifícios já foram exaustivamente estudados e, por isso, optamos neste artigo, por tratar das questões ligadas ao desenvolvimento da arquitetura civil e da morfologia urbana da cidade de São João del-Rei.

O texto aqui apresentado, entretanto, não deve ser lido como um trabalho conclusivo, mas apenas como uma primeira tentativa de organização do expressivo acervo ainda existente no Conjunto Arquitetônico e Urbanístico do Centro Histórico da cidade, que foi inicialmente tombado pelo IPHAN em 1938 e que teve ampliada a sua proteção pelo poder público municipal em 2000. Esse acervo certamente é, hoje, um dos testemunhos mais relevantes da importância da cidade de São João del-Rei, dentro do contexto da história da arquitetura brasileira, e documento material da sua alta expressão sócio-cultural.

O ASSENTAMENTO URBANO

As primeiras impressões críticas sobre o assentamento urbano de São João del-Rei estão ligadas aos viajantes que visitaram Minas durante o século XIX. Desses, tanto Rugendas como o naturalista inglês Richard Burton se encantaram com os aspectos da estrutura paisagística da cidade; como vemos documentado numa conhecida aquarela de 1824 e na seguinte observação, feita pelo segundo, sobre a paisagem da cidade: *“Era meio-dia quando avistamos, num frêmito de prazer, lá muito abaixo, o vale do Rio das Mortes. À nossa direita, elevavam-se a cerca de seis milhas as linhas da Serra de São José. À esquerda, estava São João del-Rei, ostentando uma dúzia de igrejas e estendendo-se, como se fora um lenço branco, sobre uma encosta irregular e severa”*.

Mais tarde, ao descrever São João del-Rei em seu livro *Em Minas* (1893), Carlos de Laet dividiu a cidade em dois bairros: São Francisco e Matriz, comunicados por três pontes; elogiou a inteligência dos construtores, que deixaram um grande leito para o córrego, ainda que lhe tenha parecido uma despropor-



MARCINHO LIMA

ção. Sem pretender, o jornalista descreveu uma das mais fortes imagens da leitura de espaço da cidade.

Do ponto de vista da organização espacial urbana, podemos dizer que, acima de tudo, a mesma foi condicionada em função da situação topográfica, que em virtude do acompanhamento do curso natural do córrego/vale Lenheiro forjou a longitudinalidade do assentamento. Deste modo, é fácil percebermos como os arruamentos originais, que estruturam um dos principais “caminhos-tronco” que definiam nos tempos antigos a entrada e a saída da cidade fundada por Antônio Garcia da Cunha por volta de 1705, seguiam paralelos ao leito do rio: Rua Santo Antônio, Rua Direita, Prainha e Rua do Barro-Vermelho. A existência do Córrego do Lenheiro determinou ainda, como vimos, a necessidade de pontes sobre seu leito e percebemos que, a cada momento histórico-econômico vivido, a cidade se encarregou de estabelecer tais ligações. Somente dentro do Centro Histórico, aqui considerando o perímetro de preservação instituído pelo IPHAN, contamos com 5 pontes e pontilhões, executados em diversos materiais, que caracterizam ciclos arquitetônicos diversos e que se expressam ainda hoje como imagem de referência da cidade de São João del-Rei.

A ARQUITETURA CIVIL: 300 ANOS DE SEDIMENTAÇÕES HISTÓRICAS

O Centro Histórico de São João del-Rei deve ser compreendido como a expressão de um processo dinâmico. Ao contrário das demais cidades mineiras do período colonial, a estagnação da riqueza não se deu como consequência imediata do declínio da produção aurífera. Desta forma, encontramos dentro do Centro Histórico da cidade diversos estilos arquitetônicos, que representam os ciclos econômicos vividos pela cidade nos seus 300 anos de existência.

O colonial deve ser entendido com a produção arquitetônica que se refere do Ciclo do Ouro até a Independência, em 1822; posteriormente, adaptou-se o estilo Império, que se impõe como moda até 1870. Seguiu-se a ele o Ecletismo, profundamente ligado em uma primeira fase (mais européia) com o ciclo da Estrada de Ferro Oeste de Minas e, posteriormente, em fase mais tardia, que vigorou até 1930, com os valores da arquitetura da República Velha. O Protomodernismo foi a última manifestação do ciclo estilístico da arquitetura da cidade, estando vinculado ao ciclo econômico ligado ao período áureo das tecelagens são-joanenses durante o Estado Novo.

Para entendermos o contexto de análise da arquitetura civil presente no Centro Histórico de São João del-Rei frente aos ciclos econômicos delineados anteriormente, devemos inicialmente compreender que os conjuntos urbanos que compõem o nosso Centro Histórico possuem caráter arquitetônico bastante distintos. É, entretanto, nessa riqueza que reside sua importância arquitetônica, já que São João del-Rei é a única das cidades do chamado Ciclo do Ouro que não foi congelada fisicamente com o fim da mineração. Neste sentido, é na pluralidade da linguagem da sua arquitetura, e não na sua homogeneidade, que devemos buscar os fragmentos arquitetônicos e urbanísticos que nos contam quem fomos, quem somos e para onde vamos, já que a arquitetura, entre outros atributos ligados à técnica construtiva e à funcionalidade, é acima de tudo um documento sócio-cultural onde se manifesta e se molda de forma concreta, a história da cidade.

Tendo delimitado essa análise arquitetônica, podemos dizer que do primeiro século de fundação da cidade temos, ainda nos nossos dias, pelo menos cinco exemplares importantes que se fazem merecedores de atenção. Primeiramente, a velha casa da antiga Rua das Mônicas, hoje sede do Instituto Histórico e Geográfico, que representa, com seu balcão em balanço



SEBASTIÃO MACHADO GOMES

(originalmente com parapeito em pau-a-pique), a transição de uma arquitetura rural, de origem paulista, para uma adaptação urbana da cidade em formação.

Típica da metade do século XVIII, existe ainda a casa situada no Sopé da Serra das Mercês, no antigo caminho para as betas, por muito tempo tida como “O Fortim dos Emboabas” ou a casa nº. 113 do Largo das Mercês, conservada quase como intocada com o passar dos anos. Da segunda metade do século XVIII, no Largo de São Francisco, numa tipologia que já transita para uma tipologia de sobrado, temos ainda a casa onde nasceu e se casou Bárbara Heliadora e no sopé da subida da Rua das Flores, o Sobrado da Muxinga. São edificações classificadas por Lucio Costa como edificações do período de “*ocupação do território*”, construídas em madeira e barro e que, em geral, caracterizam-se pela maior prevalência dos cheios sobre os vazios e soluções de linguagem arquitetônica simples, ditadas pela austeridade construtiva, tanto de formas como de acabamentos.

Característicos do período de consolidação da Vila, no início do século XIX, são os grandes sobrados, presentes na Rua Direita, construídos em diversos momentos daquele século, como demonstram as variações de pé-direito e de linguagem de acabamentos. Sua presença nesse

setor da cidade reflete a importância social dessa rua até as primeiras duas décadas do século XX e, principalmente, o significado econômico, que fomentou a valorização dos lotes que se refletiu nessa tipologia de ocupação do território, onde o comércio ocupava o andar térreo e a residência o superior, estruturada funcionalmente no esquema sala de receber à frente, sala de viver atrás e alcovas no centro.

Deste conjunto, o exemplar mais antigo, certamente, é o que faz esquina com a antiga Rua São Roque. Seu pé-direito mais baixo, a relação de proporção dos vãos tendendo mais para o duplo-quadrado e os balcões interrompidos de cantaria lavrada indicam bem a identidade da sua arquitetura e o período da sua construção. É um edifício praticamente contemporâneo do Solar do Barão de São João del-Rei, e um pouco anterior ao grande sobrado com camarinha, do antigo Hotel Colonial, que é o marco central da transição para a tipologia dos grandes sobrados que marcaram a arquitetura civil são-joanense da segunda metade do século XIX, bastante influenciados pela arquitetura rural do tempo do Império, onde as vergas alteadas, derivadas da tratadística francesa de Blondel, trazida pela missão Francesa de 1816, irão agora se fazer presentes. Desse período de rigor Neoclássico, que forjou a arquitetura do Império até as primeiras manifestações do Ecletismo, teremos

em São João del-Rei exemplares arquitetônicos como o edifício da Prefeitura Municipal e os grandes solares das famílias Neves, Lustosa, Guadalupe (atual Mosteiro São José), da Baronesa de Itaverava (atual Centro Cultural da UFSJ) e, principalmente, o grande Solar de três pavimentos que abriga atualmente o Museu Regional do IPHAN na cidade. Sua primazia de trabalhos em estuque notou Lucio Costa, fez escola em outras construções do período em São João del-Rei, tornando-se mesmo essas aplicações decorativas, segundo o olhar apurado do Mestre, uma das principais características da arquitetura nobre desse período.

Variante de um versão mais simplificada dessa arquitetura, podemos citar ainda o conjunto da Rua da Prata, iniciado pela sede do atual Memorial Tancredo Neves e as casas com camarinha da Rua do Carmo e da Rua da Prata, últimos exemplares dessa tipologia que outrora foi muito freqüente na cidade colonial em todo o Brasil.

Vencido esse período, a arquitetura do Ecletismo tomou assento efetivo na arquitetura da cidade com a inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas, em 1881, que estruturou a ocupação de novo trecho do tecido urbano, seguindo o receituário em voga com casas térreas ou sobradadas, com afastamentos



A casa mais antiga de São João del-Rei. Acervo Arquivo Público Mineiro - MM-280.

laterais e frontais, revestidas de platibandas e varandas laterais, preenchidas de uma rica decoração de estuque, lambrequins e elementos de ferro fundido importados da corte. Esse repertório de formas, um pouco mais tarde, também estimulou a modernização de fachadas dentro núcleo colonial, o que se fez, principalmente, com a introdução de platibandas no lugar dos beirais nas reformas mais simples, ou mesmo recomposição total de conjuntos, como é o caso da Rua Santo Elias. Uma das últimas manifestações válidas do Ecletismo na cidade é o Palacete da Antiga Casa Assis, sede do antigo Banco Almeida Magalhães (hoje Câmara de Vereadores), do início da década de 20.

Do último ciclo significativo da arquitetura civil de São João del-Rei, ligadas tanto ao Proto-modernismo como ao Ecletismo Tadio, podemos listar as residências da Rua Balbino da Cunha, caracterizadas por um ecletismo romântico “normando”, passando pelo “neo-colonial” e mesmo o fantasioso que envolveu o período, com reproduções dos palacetes hollywoodianos exibidos nos filmes da Metro. O conjunto, entretanto, tem volumetria e partido similares, em virtude das condições topográficas desses lotes de grande extensão, onde essas edificações foram construídas segundo os novos conceitos urbanísticos da época.

Representantes do Proto-modernismo dos anos 40, temos principalmente alguns edifícios de 3 e 4 pavimentos, como o antigo Hotel Macedo, exemplar *art déco* de fatura mais simplificada, que introduz o sistemas de elevadores e as possibilidades trazidas pelas novas técnicas de concreto armado; o antigo edifício da Companhia de Força e Luz (atualmente quase irreconhecível) e, principalmente, o Edifício Sade, inaugurado em 1950, um dos melhores representantes desse novo estilo de modernização.

Consolidou essa nova linguagem o fato da mesma estar ainda ligada ao primeiro período de modernização arquitetônica da antiga Avenida Rui Barbosa (atual Tancredo Neves), que, a partir desse período, assumiu o papel de nova centralidade da cidade, abrigando ali tanto o novo coração comercial como os costumes da nova vida social, que se implementava com o famoso “*footing*”.

Passados os anos, podemos dizer que o primeiro papel essa Avenida ainda conserva, embora as transformações arquitetônicas que ali se deram, a partir da metade da década de 50, pouco somaram qualitativamente ao seu conjunto arquitetônico original, consolidado nas décadas de 20, 30 e 40 e na arquitetura da cidade como um todo. Como exceção a

essa regra, de uma maneira geral, apenas os edifícios da nova sede dos correios, na Avenida Tiradentes (hoje bastante descaracterizado), o edifício Sede da Regional de Saúde do Estado, o antigo Terminal do Aeroporto e a nova sede do Athletic Club representam, com alguma qualidade, a assimilação dos cânones que a arquitetura moderna brasileira primeiramente implementou na Pampulha na década de 40 e num segundo momento em Brasília, nos anos JK.

ANDRÉ GUILHERME DORNELLES DANGELO é engenheiro arquiteto pela EA/UFMG, mestre em Ciências da Arquitetura pela UFRJ e doutor em História pela Fafich/UFMG. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Análise Crítica e Histórica da EA/UFMG.

VANESSA BORGES BRASILEIRO é engenheira arquiteta pela EA/UFMG, mestre em Ciências da Arquitetura pela UFRJ e doutoranda em História pela Fafich/UFMG. Atualmente é professora de História da Arquitetura e do Urbanismo do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PucMinas e da FEA/FUMEC.



ANTÔNIO CELSO TOKO



CLÁUDIO LOPES

CARLOS MAGNO DE ARAUJO

RESTAURAÇÃO E ARTE SACRA: UMA ATIVIDADE PERMANENTE EM SÃO JOÃO



A cidade de São João del-Rei é detentora de um valioso patrimônio histórico, artístico e cultural que se reflete em suas edificações públicas, particulares e religiosas, nos acervos deixados pelos grandes artistas que aqui viveram e nas inúmeras tradições nela ainda preservadas, em especial as de cunho religioso.

A conservação e manutenção desse conjunto de elementos, que coloca esta cidade entre um dos mais expressivos centros culturais do país, não é tarefa fácil, já que muitas vezes esbarra na falta de recursos financeiros, nos interesses particulares e na desinformação, de um modo geral, fato que felizmente vem sendo modificado lentamente nos últimos anos.

Embora durante o século XX o patrimônio de São João del-Rei tenha encontrado guardiões como os ativos integrantes das irmandades e ordens religiosas, defensores apaixonados como os historiadores Luís de Melo Alvarenga e Sebastião Cintra, e restauradores como Pedro Viegas e Lucília Quaglia, somente nas últimas décadas é que realmente podemos perceber um olhar mais atento de um número maior de pessoas em defesa do patrimônio local e ações mais eficazes nos esforços de preservação dos bens culturais existentes na cidade.

Essa mudança de atitude se intensifica, a partir dos anos 90. Recursos do governo federal e da iniciativa privada proporcionaram uma série de trabalhos de conservação e restauração de monumentos religiosos da cidade. A Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, a Igreja de São Francisco de Assis, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Capela do Senhor do Monte, a Igreja de São Miguel do Cajuru e a Igreja de São Gonçalo do Amarante tiveram parte de seus acervos restaurados por meio desse incremento.

A Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, edificada na primeira metade do século XVIII, é o monumento religioso mais rico em talha dourada da cidade, além de abrigar em seu interior retábulos, forros pintados, imagens de excepcional qualidade e belíssimas alfaias. O último trabalho de restauração contemplou sua capela-mor, quatro retábulos, forro da nave e a capela do Santíssimo Sacramento. Além de restabelecer a integridade das áreas tratadas com o restauro, realizou-se a limpeza sobre todo o douramento, devolvendo seu antigo esplendor. As áreas com espessas camadas de repinturas, com a remoção revelaram verdadeiros tesouros escondidos por mais de um século. Figuras de santos, rocalhas, guirlandas de flores e marmorizados vibrantes ressurgiram, devolvendo ao conjunto a harmonia até então perdida e contribuindo para identificações e atribuições de autorias. A presença de trabalhos do grande pintor rococó do Campo das Vertentes, Joaquim José da Natividade, foi umas das surpresas reveladas por meio da restauração.

A Igreja de São Francisco de Assis, cuja construção teve início em 1774, é um dos mais belos exemplares da arquitetura religiosa colonial do país. Nos trabalhos de restauração, realizados em 2004,

limpou-se toda a sua cantaria, valorizando a coloração das pedras. Internamente todos os retábulos foram desinfestados, pinturas e douramento da capela-mor recuperados, descobrindo-se, após a remoção da repintura, barrados marmorizados. Uma das jóias dessa igreja, o lustre de cristal que ornamenta a capela-mor, também foi totalmente restaurado.

Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, os trabalhos de conservação e restauração visaram recuperar as estruturas dos três retábulos, bem como remover os excessos de repinturas sobre os mesmos, resgatando assim a policromia original e valorizando a profundidade da bela talha rococó.

A Capela do Senhor do Monte teve seu retábulo-mor totalmente restaurado, recebendo tratamento de desinfestação, recomposição de perdas estruturais, remoção de repinturas e apresentação estética. Nas igrejas distritais de São Miguel do Cajuru e São Gonçalo do Amarante, ambas do século XVIII e únicas edificações religiosas dessas comunidades, os trabalhos de restauração ajudaram a restabelecer a integridade do patrimônio artístico desses templos, revelando as obras dos artistas Joaquim José da Natividade e a identificação do recém-descoberto Mestre do Cajuru.

Novas iniciativas de valorização do patrimônio local vêm acontecendo, como a recente restauração dos elementos artísticos da capela rural do Divino Espírito Santo. Com uma requintada talha dourada e policromada por Joaquim José da Natividade. Essa capela foi alvo de saqueadores nos anos 80. Desmontada há 20 anos, será finalmente reerguida em São João del-Rei nos próximos meses, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e recursos da Cemig e da Oi.

As iniciativas na preservação dos bens culturais da cidade necessitam, no entanto, ser mais abrangentes. O setor das artes e ofícios, por exemplo, é um valioso patrimônio que corre perigo de desaparecer por falta de incentivos, oficinas de aperfeiçoamentos e divulgação. Bordadeiras, ferreiros, prateiros, santeiros... São profissões que insistem em sobreviver quase clandestinamente. Os santeiros, por exemplo, geralmente são autodidatas, esbarram na dificuldade para aquisição de matéria-prima e boas ferramentas para seu trabalho e quase nunca alcançam a projeção que merecem pela qualidade de suas obras. Herdeiros dos antigos mestres que no passado povoaram nossos altares e andores com belas imagens esculpidas em madeira, artistas excepcionais como Osni Paiva, Miguel Ávila e, mais recentemente, Ronaldo Nascimento e Fernando Pedercini, têm dado continuidade a essa tradição são-joanense praticamente por conta própria e amor ao ofício.

CARLOS MAGNO DE ARAUJO é formado em História, com especialização em Cultura e Arte Barroca e Restauração.

MAIS DE DOIS SÉCULOS DE VIDA MUSICAL EM SÃO JOÃO DEL-REI: AS ORQUESTRAS LIRA SANJOANENSE E RIBEIRO BASTOS

São duas as corporações musicais que dividem, desde o período colonial, as atividades musicais para as cerimônias religiosas em São João del-Rei: a Orquestra Lira Sanjoanense e a Orquestra Ribeiro Bastos. As duas orquestras destinam-se a preparar músicos – instrumentistas e cantores – para preservar a pureza das tradições da vida musical brasileira do período colonial, executando especificamente repertório composto por músicos da região. Mais recentemente, a partir de 1951, com a fundação do Conservatório Estadual de Música “Padre José Maria Xavier” as orquestras puderam contar com sua ajuda na formação de músicos atuantes. Oportunamente, no estatuto deste estabelecimento de ensino de música consta que um dos objetivos da sua criação é abastecer de músicos as corporações musicais locais.

A prática musical em conjunto desenvolvida em São João del-Rei esteve sempre atrelada às cerimônias religiosas realizadas por iniciativa das irmandades e confrarias das grandes igrejas locais.

Segundo Viegas (1987), “das datas mais antigas que se conhecem sobre a música em nossa região está a de 1717, quando o Mestre de Música Antônio do Carmo recebe com seu grupo de músicos o Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida e Portugal, no Alto do Bonfim, então entrada principal da Vila de São João del-Rei, e depois na Matriz da Vila foi cantado um “Te-Déum” solene a dois coros de música, comemorando o evento”. Neste caso entende-se “dois coros” como um coro cantando o gregoriano e outro coro, o de músicos e cantores, fazendo a parte polifônica, alternadamente, como é comum até os nossos dias.

O canto Gregoriano ou o Ambrosiano, o cantochão, na liturgia da Igreja Cristã, além de dar maior solenidade às cerimônias, era útil para que todos os fiéis pudessem ouvir e entender as lições da Sagrada Escritura em grandes catedrais. Quando a música polifônica se instala definitivamente na liturgia,

houve resistência à sua aceitação alegando-se que as diferentes linhas melódicas provocavam confusão e contrastavam com o objetivo da música litúrgica, que era a compreensão dos textos sacros. O compositor italiano Giovanni Pierluigi da Palestrina (1523-1594) impediu que a polifonia fosse afastada da igreja, segundo nos conta a tradição, com sua “Missa Papa Marcello”, obra-prima da música sacra polifônica, diminuindo os abusos harmônicos que provocavam celeuma na igreja quanto à compreensão do texto sacro.

Seguindo a tradição de que todos os povos antigos utilizavam a música como parte principal de todos os cultos, ocupando lugar de destaque em todas as atividades humanas, religiosas, sociais ou artísticas, São João del-Rei manteve-se fiel à sua tradição musical e legou-nos o papel de “cidade da música”.

Graças às suas tradições religiosas foi possível manter preservadas, vivas e presentes as obras musicais de compositores como Manoel Dias de Oliveira, Padre José Maria Xavier, Marcos dos Passos Pereira, José Victor da Aparição, Carlos dos Passos Andrade, Martiniano Ribeiro Bastos, João Batista do Nascimento, Luiz Batista Lopes, João Feliciano de Souza, Antônio dos Santos Cunha, Padre José Maurício Nunes Garcia, Francisco Manoel da Silva e obras de autores anônimos. Estes compositores compõem, na arte musical, o chamado Barroco Mineiro. Através da influência da música europeia souberam imprimir com maestria características próprias às suas composições.

Ainda segundo Viegas (1987), “a Orquestra Lira Sanjoanense é a orquestra mais antiga das Américas com atividades ininterruptas e farta documentação comprovando sua prática musical em conjunto”.

Foi criada em 1776 por José Joaquim de Miranda e um grupo de músicos. Esta corporação é de extrema importância para São João del-Rei, por tecer a sua história paralela à história política e sociocultural da cidade. Através de suas atividades podemos observar as práticas sociais e os processos educativos vivenciados no espaço da prática musical em conjunto.

Este conjunto é composto atualmente de quarteto vocal, 15 sopranos, 10 contraltos, 9 tenores, 5 baixos, totalizando 39 integrantes no coro, 8 primeiros violinos, 15 segundos violinos, uma viola, um violoncelo, 2 contrabaixos, 4 flautas, um oboé, 3 clarinetas, 3 trompetes, duas trompas, 4 trombones, um bombardino, um tímpano, totalizando 46 integrantes na orquestra.

No total, a corporação possui 90 integrantes, contando com a diretoria.

O diretor e regente atual é Benigno Parreira.

A Orquestra Lira Sanjoanense é responsável pela parte musical das missas dominicais da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja de Nossa Senhora das Mercês; toda quarta-feira, Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, missa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Ainda é responsável pela parte musical de festividades, como: festa de São Sebastião, festa de São Gonçalo Garcia, festa da Boa Morte e Assunção de Nossa Senhora, festa do Senhor Bom Jesus dos Montes, Jubileu de Bom Jesus de Matosinhos, festa de Nossa Senhora das Mercês, festa de São Miguel e Anjos, festa da Padroeira da Diocese Nossa Senhora do Pilar, Solenidade de Finados, Missa em Sufrágio das Almas dos Irmãos Falecidos das Irmandades de São Miguel, da Boa Morte, do Rosário, das Mercês e de São Gonçalo, Festa de Santa Cecília, Novena do Menino Jesus, Missa do Galo e missa do dia de Natal. Também é responsável pela música na Encomendação de Almas, cerimônia tradicional religiosa que é realizada em pouquíssimas localidades durante a Quaresma e baseia-se no culto de rezar pelos mortos. Nesta cerimônia, a orquestra e o coro percorrem, tarde da noite, as ruas da cidade, parando em cemitérios, cruzeiros e encruzilhadas, rezando o Rosário de Nossa Senhora, acompanhada dos fiéis (Equipe de Liturgia da Paróquia da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, 1983).

Não se conhece com precisão a data exata da criação da Orquestra Ribeiro Bastos. Presume-se que a data de criação seja 1790, pois é a data mais citada. Sua história, porém está ainda por ser escrita, segundo Neves (1984), “a partir da confirmação de hipóteses levantadas para responder a pontos obscuros da própria história da música em São João del-Rei.” A partir da revisão de dados contidos nas anotações dos livros de receita e despesa das irmandades, a data de fundação da Orquestra Ribeiro Bastos poderá ser revista e alterada para antes de 1790.

O nome usado hoje pela orquestra data de 1860, quando, sucedendo ao Mestre Francisco José das Chagas, passa a liderar o grupo o Maestro Martiniano Ribeiro Bastos. Durante 52 anos (até 1912) ele trabalhou junto à orquestra e graças à sua habilidade de liderança e a um trabalho pedagógico incansável – a educação musical dentro das corporações musicais tinha orientação essencialmente prática através dos mestres de música que orientavam os jovens interessados, fornecendo-lhes os conhecimentos básicos de leitura e escrita musicais e execução do instrumento – aumentou-lhe o número de componentes e buscou a melhoria do seu nível de desempenho técnico. Assim, marcada pela contundente liderança e forte personalidade de seu dirigente, a orquestra conhecida como a Orquestra do Ribeiro Bastos passou a ser simplesmente Orquestra Ribeiro Bastos.

Desde o século XVIII as solenidades religiosas apresentam músicas próprias e compostas por músicos da região e são inúmeros os conjuntos completos de obras para cada festividade. A atividade musical, que no passado era profissional e remunerada, atualmente é amadora.

O destaque da Orquestra Ribeiro Bastos no contexto cultural de São João del-Rei, por sua trajetória histórica singular, apresenta-se como uma oportunidade excepcional para a avaliação de repercussões sociais, culturais e educacionais (ou pedagógicas), pois a referida orquestra gerou através da preservação de seu arquivo e da velha tradição interpretativa – que faz parte da vida cotidiana dos habitantes de São João del-Rei – discussões sobre a importância da música na vida cultural e social. Semelhante ao que ocorre na Orquestra Lira Sanjoanense, através da atividade musical em conjunto, são muitos os processos de aprendizagem e as práticas sociais que acontecem entre os participantes de uma orquestra amadora e comunitária.

Este conjunto é composto atualmente de quarteto vocal, 12 sopranos, 9 contraltos, 9 tenores, 8 baixos, totalizando 38 integrantes no coro, 8 primeiros violinos, 11 segundos violinos, uma viola, um violoncelo, 2 contrabaixos, 4 flautas, 4 clarinetas, 2 trompetes, 3 trompas, 2 bombardinos, totalizando 38 integrantes na orquestra.

No total, a corporação possui 77 integrantes contando com a diretoria.

A diretora e regente atual é Maria Stela Neves Valle.

A Orquestra Ribeiro Bastos é responsável pela parte musical das missas semanais das Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nosso Senhor dos Passos; missa dominical da Ordem Terceira de São Francisco, a Festa de Passos, a Semana Santa, as novenas de São Francisco e de Nossa Senhora do Carmo, a quinquena das cinco Chagas de São Francisco.

Muitos destes músicos, que fizeram e fazem parte da Orquestra Lira Sanjoanense e Orquestra Ribeiro Bastos, assumiram e assumem um papel de grande importância na evolução do homem e sua música, que é o de salvaguardar e promover a música em São João del-Rei. O reconhecimento por parte da comunidade de que uma herança artística não poderia ser perdida constitui uma das molas propulsoras para a manutenção e continuidade destas entidades. Então, teremos sempre preservada a necessidade inerente ao homem de se comunicar e de se expressar através da música, com o meio em que vive, com o divino, em todos os momentos de sua vida.

São mais de dois séculos de atividades musicais em conjunto em São João del-Rei, preservando a história musical em nosso país.

MÁRIO FERREIRA KRAUSS, psicólogo, especialista em musicoterapia, é professor de canto da Universidade Vale do Rio Verde, de Três Corações, e do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, de São João del-Rei.

ANNA MARIA PARSONS

JOSÉ MARIA NEVES

José Maria Neves nasceu em São João del-Rei aos 20 de agosto de 1943 e faleceu no Rio de Janeiro em 27 de novembro de 2002.

Sua formação musical iniciou-se em São João del-Rei, no Conservatório de Música Padre José Maria Xavier e no ambiente familiar. Seu pai era regente da Orquestra Ribeiro Bastos.

Em Juiz de Fora, no Seminário, José Maria continuou a estudar música e a ser preparado para a carreira eclesiástica. Mais tarde no Convento dos Dominicanos, em São Paulo, evidenciou-se sua vocação musical e José Maria escolheu partir para o

Rio e dedicar-se somente à música. No Rio foi aluno de Guerra Peixe e Esther Sliar.

Em 1969 José Maria parte como bolsista do governo francês para Paris. Inicia-se, numa Paris ainda sacudida pelos acontecimentos do ano anterior, uma rica trajetória de aprendizado e convivência com renomados mestres de regência, composição e musicologia.

Em 1971 concluiu mestrado e em 1976 completou o doutorado na Universidade de Paris IV.

Regressando ao Brasil José Maria, embora já docente no Rio, envolveu-se em São João del-Rei, primeiramente como musicólogo e depois como regente, num projeto de preservação e divulgação do fazer musical da região do Campo das Vertentes.

Assumiu a regência da Orquestra Ribeiro Bastos pelo falecimento de seu titular, maestro Emilio Viegas.

A década de 80 foi particularmente profícua, dentro desta intenção de preservação musical de São João.

Sob os auspícios da Fundação Roberto Marinho muitas iniciativas lideradas por José Maria Neves tiveram bom êxito. Viagens da Orquestra Ribeiro Bastos para divulgação da música de São João del-Rei, uma editora, a Tacape, e atividades didáticas.

Data de 1984, fecundo período de ações e reflexões sobre o destino da música em São João a intenção de se criar um Centro de Referência Musicológica e Cultural. Intenção tornada realidade depois da morte do autor.

O Centro de Referência Musicológica José Maria Neves, CEREM, aberto em 2005, juntamente com o recém-criado Departamento de Música da Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ, o Conservatório de Música e as tradicionais orquestras da cidade são agentes decisivos da preservação das tradições mais do que bicentenárias da música em São João del-Rei.

Sobre essas instâncias, trabalhando dentro das suas especificidades, paira o exemplo de integridade profissional e engajamento cultural de José Maria Neves.

ANNA MARIA PARSONS é diretora geral do Centro de Referência Musicológica José Maria Neves – CEREM.

MISSA DA SAGRACAO
I - Senhor, tende piedade de nós

Lento *f*

Fl.
Cl.
Tpetes

SOBRE A CIDADANIA DO

TIRADENTES

**E O SEU REGISTRO CIVIL,
AINDA QUE TARDIO**

No ano de 1746, quando nasceu o menino Joaquim José da Silva Xavier, o local que ele veio à luz, a Fazenda do Pombal, estava sob a jurisdição da então *Villa de São João de El-Rey*. O assentamento de batismo dele foi lavrado no dia 12 de novembro de 1746, na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo, filial da Matriz de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João del-Rei. Este registro, além de evidenciar a jurisdição eclesiástica daquela Capela, segundo historiadores, tem valor legal como substituto do registro cartorial, já que naquela época não existia o Registro Civil. Àquela época, não apenas a jurisdição eclesiástica, mas também a jurisdição territorial da Fazenda do Pombal pertenciam a São João del-Rei, conforme bem sustentaram diversos historiadores.

Basílio de Magalhães (1874-1957) escreveu que “ninguém melhor que o próprio Tiradentes poderia saber a quem pertencia o pedaço de terra aonde viera à luz e que ele haveria de santificar pelo próprio martírio”. De modo preciso, através de declaração do próprio Tiradentes, na primeira inquirição da Devassa (Fortaleza da Ilha das Cobras, Rio de Janeiro, em 22 de maio de 1789), que ele era “natural do Pombal, termo da Villa de São João de El-Rey, Capitania de Minas Geraes”. Eis a palavra do próprio Tiradentes perante o tribunal, esclarecendo o seu local de nascimento.

Entre boas bibliografias existentes sobre o assunto, é importante analisar atentamente o livro *As Vilas del-Rei e a cidadania de Tiradentes*, onde se percebe que o autor, Eduardo Canabrava Barreiros, fundamenta profundamente a questão da cidadania do Tiradentes. A obra apresenta um estudo completo da situação administrativa da

região do Rio das Mortes, a partir do final do séc. XVII, ilustrada com pranchas de cartografia histórica, provando que São João del-Rei é a terra abençoada que viu nascer o menino Joaquim José. Pareceres emitidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelo Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e pelo Instituto dos Advogados Brasileiros aprovaram a coerente e firme fundamentação histórica de Canabrava Barreiros.

Em 1992, o então senador Alfredo Campos, sob a orientação de seu assessor Francisco José dos Santos Braga e baseado em bibliografia confiável, apresentou na tribuna do Senado a sua contribuição ao restabelecimento da verdade histórica acerca do local de nascimento do Tiradentes, pronunciamento que veio a ser editado e fartamente distribuído sob a forma de um opúsculo intitulado *Tiradentes, cidadão sanjoanense*.

Em face destas conclusões, surgiu no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei uma preocupação de cunho histórico, cívico e pedagógico: Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes –, líder do nosso maior movimento libertário, herói nacional, patrono cívico da nação e de todas as polícias civis e militares do Brasil, apesar de já possuir a sua certidão batismal, ainda não possui o seu registro civil. Apesar de toda a importância para a história da Conjuração Mineira e do Brasil, Joaquim José da Silva Xavier não “existe legalmente”, em razão de não haver sido ainda lavrado o seu registro de nascimento. Notamos que ainda existe muita especulação e jogadas de *marketing* a respeito da cidadania do Alferes, o que vem confundindo pessoas, turistas,

professores e alunos. Assim, sob os cuidados jurídicos do advogado Wainer de Carvalho Ávila, que no IHG é o titular da cadeira cujo patrono é o Alferes, foi decidido que o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei buscasse dirimir possíveis dúvidas através de uma Ação de Justificação Judicial – o Registro Tardio de Nascimento de Joaquim José da Silva Xavier –, em conjunto com algumas entidades são-joanenses: a Câmara Municipal, a Academia de Letras, o Rotary Club (Distrito 4580), a Loja Maçônica Charitas II, a Associação Comercial e Industrial e o Lions Clube.

O estabelecimento oficial da verdade histórica é o nosso preito à memória do Patrono Cívico da Nação Brasileira. Caso similar precedente, jurisprudência da maior importância que versa sobre o registro tardio do nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi, aconteceu na Comarca de Laguna – SC.

Somos habitantes de uma terra privilegiada! Assim, a exemplo de Altivo de Lemos Sette Câmara, quando lançarmos a pergunta “Por que amamos esta cidade del-Rey?”, responderemos que entre tantos motivos existentes nesta “Capital Brasileira da Cultura 2007” um deles é porque “Aqui nasceu Um, de alcunha o Tiradentes. Até o fim reinará aqui a Liberdade. Amém.”

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

OTTO LARA REZENDE

A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DO ENTENDIMENTO

Autor e personagem inesquecível da cultura brasileira, Otto Lara Resende foi, segundo apreciação de Silviano Santiago, “o homem de letras mais completo da sua geração”, destacando-se pela capacidade de aliar “a limpidez de estilo a um bom humor que se travestia sob a forma de uma fina ironia machadiana”. Na opinião de outro crítico, Antonio Candido, Otto “tinha um profundo senso da vida, uma cultura sólida, que ele tentava esconder, uma inteligência luminosa e o dom da prosa portuguesa”.

De todas as profissões que exerceu – professor, diplomata, advogado, jornalista, escritor e até banqueiro por um breve período – Otto se consagrou mesmo como “*um incansável fazedor de amigos*”, conforme Affonso Arinos. Com três desses amigos – Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos – constituiu o célebre quarteto de um “íntimo apocalipse”, eternizado na Praça da Liberdade.

Ao cumprir a missão que melhor representou, ser um elo entre as pessoas, transformou-se na mais refinada condição de mineiridade, a própria expressão do que chamamos comunicação. Essa vocação

para o entendimento humano não se confundia, porém, com neutralidade, falta de opinião. Como tão bem assinalou o historiador Francisco Iglésias, tudo o que Otto “colocou no papel era opinativo: jamais foi o jornalista cinzento, sem participação na matéria versada”.

Ao espírito brincalhão, criativo, que lhe dava um irresistível poder de sedução, se contrapunha um comportamento avesso a qualquer glorificação. Por isso, em sua relação com a terra natal, preferia o anonimato e o silêncio para evitar o constrangimento de uma homenagem.

Foram 13 anos de espera. Em julho de 2005, Otto Lara Resende foi tema do XVIII Inverno Cultural, promovido pela UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei. Nas comemorações, destacou-se o descerramento de uma placa na casa onde nasceu e passou a infância. Esse velho casarão passou a abrigar, a partir desse ano, a Casa das Artes da Secretaria de Cultura de São João del-Rei. Nada mais adequado. No Campus Santo Antônio, um outro reconhecimento condizente com sua personalidade: a Biblioteca da UFSJ ganhou o nome de Otto. Celebrava-se, assim, a memória de um dos mais ilustres são-joanenses.

A um convite que lhe fizemos, em 1992, para proferir uma palestra no V Inverno Cultural, com sua peculiar amabilidade, Otto desculpou-se pela impossibilidade de aceitá-lo, mas prometeu que faria tudo para participar do evento como um simples cidadão. Generosamente, ainda afirmou que ficava “feliz de ver a cidade reencontrar a sua tradição cultural e lhe dar continuidade em termos de atualidade, com excelentes resultados para a juventude”.

Guardamos essa carta como testemunho de um desejo interrompido. Naquele final de 1992, a notícia de sua morte repercutiu dolorosamente entre seus incontáveis amigos e os milhares de leitores assíduos de sua coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, sem o estardalhaço de outros dois acontecimentos que ocorreram no mesmo período: o *impeachment* de Collor e o assassinato da atriz Daniela Perez.

Em sua vasta obra jornalística e ficcional, preservada no Instituto Moreira Salles, São João del-Rei e cidades da região permaneceram como referências privilegiadas. Afinal, para quem se apresentava como “um pobre menino da Rua do Matola”, os laços com a origem estavam sempre em evidência: “Quem quiser descrever o universo tem que falar de sua própria aldeia. E minha alma é formada por sinos, igrejas barrocas e as imagens de infância em São João del Rey”, enfatizava Otto.



GUILHERME REZENDE, doutor em Comunicação, é professor do mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei.

TANCREDO NEVES

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

É certo que as palavras voam. E com suas asas chegam à concha do ouvido, como flecha que fere ou pérola que enriquece. E as palavras inauguram possibilidades de outros destinos, novas fronteiras e mais liberdades. As palavras curam a dor da prisão injusta, o preconceito quanto à diferença do pensar, cicatrizam a ferida da opressão.

E foi assim, como a sonoridade dos sinos da Igreja de São Francisco – feitos de ouro e bronze –, que suas palavras nos chegaram sempre. Varriam o espaço obscuro da nação, anunciando que a liberdade é possível, a justiça uma construção, a existência uma promessa em andamento.

Tancredo Neves nos abriu as portas para a liberdade ao afrontar as grades que nos cerceavam. Por bem compreender que a Paz é telúrica, e nasce de luta

coletiva, nos convocou a preencher o vazio das praças e proclamar o nosso desejo de mais humanidade. Pela sua força liberamos nossa garganta muda para exigir um novo percurso.

Como sentinela maior e democrática, Tancredo Neves denunciou nosso anseio reprimido, tendo como arma sua longa história política! Ele bem adivinhava que havia muito esperávamos uma boa nova, uma autoridade capaz de administrar nossa vocação para a liberdade.

Por ser assim, ainda agora, sua palavra corta os ares de Minas e derrama exemplos para o depois de nossas montanhas. De tudo ficou na memória brasileira a lembrança de que a “liberdade” nos visitou num breve tempo, mas de maneira tão preciosa como o segredo que nossas minas ainda guardam.



OSWALD DE ANDRADE
(Roteiro das Minas)

CONVITE

São João del Rei
A fachada do Carmo
A igreja branca de São Francisco
Os morros
O córrego do Lenheiro

Ide a São João del Rei
De trem
Como os paulistas foram
A pé de ferro